

ANDREA FERREIRA HOFFMANN

QUALIDADE DAS CONDIÇÕES PARA VIVER E QUALIDADE DE VIDA:  
da objetividade da visão à subjetividade da percepção

FLORIANÓPOLIS – SC

2008

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC**

**CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS - CCA**

**AGRONOMIA**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC**

**QUALIDADE DAS CONDIÇÕES PARA VIVER E QUALIDADE DE VIDA:  
da objetividade da visão à subjetividade da percepção**

**FLORIANÓPOLIS**

**2008**

ANDREA FERREIRA HOFFMANN

QUALIDADE DAS CONDIÇÕES PARA VIVER E QUALIDADE DE VIDA:  
da objetividade da visão à subjetividade da percepção

**Trabalho de Conclusão de Curso**  
apresentado à Universidade Federal de  
Santa Catarina – UFSC, sob orientação  
do Professor Luiz Renato D’Agostini,  
como parte das exigências do curso de  
Agronomia, para a obtenção do título  
de *Engenheira Agrônoma*.

**FLORIANÓPOLIS**

**2008**

ANDREA FERREIRA HOFFMANN

QUALIDADE DAS CONDIÇÕES PARA VIVER E QUALIDADE DE VIDA:  
da objetividade da visão à subjetividade da percepção

**O presente Trabalho de Conclusão de Curso foi avaliado e aprovado como um dos requisitos para a obtenção do título de *Engenharia Agrônoma*, do curso de *Agronomia* da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.**

**Florianópolis, 23 de Junho de 2008.**

Banca examinadora:

---

Prof.º Luiz Renato D’Agostini, Dr.

**Orientador – UFSC**

---

Prof.º Sandro Luis Schlindwein, Dr.

**Co-Orientador – UFSC**

---

Prof.<sup>a</sup> Juliana Mariano Alves, MSc.

**Professora Convidada – UNITINS**

**CONCEITO DE APROVAÇÃO:**

*À minha querida Vó Nica, sem a qual nada disso seria possível.  
Aos meus pais Jane e Marco, que foram e eternamente serão...minha  
fonte de inspiração.*

## AGRADECIMENTOS

À minha Mãe *pela dica e incentivo* ao meu Pai *por ser a dica e o incentivo*, a ambos *pelo amor incondicional, compreensão total, inteligência integral...exemplos de caráter sem igual.*

Aos manos Alexandre e Mathias *pelo amor, união, carinho e cooperação de sempre.*

À Vó Nica *por ser a vó mais ativa e animada, mais feliz e arrumada, mais doce, independente e amada.*

À Joice, Tia Lila, Lucas, Pedro, Zezeu e Ricardo *por estarem sempre lá...para o que der e vier.*

À Normélia (*mãe de coração*), Aline (*irmã emprestada*) e Valtão (*parceiro de bagunça*) que preenchem eu e o Fejão (*Fefy da mamy*) com amor, carinho e diversão.

À Kari (*minha eterna paixão*) e Issa (*meu amor eterno*) *por serem minhas irmãs de alma e coração.*

À Carol e Dani *pelo carnaval abordo do Bino e por alguns dos melhores anos da minha vida.*

À Sasá (*parte mais forte e meiga da patotinha*); ao Sosô (*parte mais lógica e serena*); ao Guto (*parte mais sossegada e articulada*); ao Matela (*parte mais indecisa e cobiçada*), a toda patotinha pelas lutas e conquistas, choro e risadas, estudo e festas, tristezas e alegrias, loucuras e aventuras, cumplicidade e união, e especialmente ao amor e amizade que serão eternizados nas lembranças e no coração.

Ao D'Agostini *por me dar asas e instruções de vôo.*

À Pati (*pelo carinho, atenção e disposição*); à Jane (*pelo incentivo e ajuda*), as duas *por terem topado embarcar nas loucas aventuras do IQV & IQCV pelas estradas do Mariana.*

Ao George (*pelo Niilismo*); à Lorena (*pela dança do Créu*); ao Jivas (*por Heroes*), a todos *por terem tornado mais fáceis e divertidos meus dias na capital do Tocantins.*

A pessoas especiais: Prima Fê (*carinho constante*); Ale (*mãezona*); Gabi T. (*migona*); Erlu (*parceria*); Marcelo (*aventuras*); Eng.<sup>as</sup> do Funk (*acolhida*); Andreazza (*força*); Ana (*ajuda*); Livia (*simpatia*); Juliana e Fred (*crescimento*); e aos amigos mais que especiais Gabri (*confusões e desenhos criativos no caderno*) e Gabi Miojo (*melhor abraço do mundo e cama mais gostosa de dormir*).

Ao Sandro, *simplesmente por existir na minha vida e tornar tudo mais fácil e melhor.*

Ao Valtinhu, *anjo da bondade e do amor que Deus carinhosamente nos permitiu conhecer.*

À Laurinha...*gostosa da dinda.*

A São Paulo que *me deixou nascer*; ao Rio Grande que *me fez crescer*; à Santa Catarina que *me proporcionou o desenvolver*; e ao Tocantins que *me trouxe o amadurecer.*

*Ao Anderson... que traz felicidade, que completa, torna leve, dá sentido e que me faz tão bem...muito muito.*

*“Se lhes dou esses detalhes sobre o asteróide B 612 e lhes confio o seu número, é por causa das pessoas grandes. As pessoas grandes adoram os números. Quando a gente lhes fala de um novo amigo, elas jamais se informam do essencial. Não perguntam nunca: "Qual é o som da sua voz? Quais os brinquedos que prefere? Será que coleciona borboletas?" Mas perguntam: "Qual é sua idade? Quantos irmãos ele tem? Quanto pesa? Quanto ganha seu pai?" Somente então é que elas julgam conhecê-lo. Se dizemos às pessoas grandes: "Vi uma bela casa de tijolos cor-de-rosa, gerânios na janela, pombas no telhado..." elas não conseguem, de modo nenhum, fazer uma idéia da casa. É preciso dizer-lhes: "Vi uma casa de seiscentos contos". Então elas exclamam: "Que beleza!"*

*Assim, se a gente lhes disser: "A prova de que o príncipezinho existia é que ele era encantador, que ele ria, e que ele queria um carneiro. Quando alguém quer um carneiro, é porque existe" elas darão de ombros e nos chamarão de criança! Mas se dissermos: "O planeta de onde ele vinha é o asteróide B 612" ficarão inteiramente convencidas, e não amolarão com perguntas. Elas são assim mesmo. É preciso não lhes querer mal por isso. As crianças devem ser muito indulgentes com as pessoas grandes.*

*Mas nós, nós que compreendemos a vida, nós não ligamos aos números! Gostaria de ter começado esta história à moda dos contos de fada. Teria gostado de dizer:*

*"Era uma vez um pequeno príncipe que habitava um planeta pouco maior que ele, e que tinha necessidade de um amigo..."*

*Para aqueles que compreendem a vida, isto pareceria sem dúvida muito mais verdadeiro."*

**O Pequeno Príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry.**

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2. OBJETIVOS .....</b>	<b>10</b>
2.1. Objetivo geral.....	10
2.2. Objetivos específicos:.....	10
<b>3. LEVANTAMENTO DO ESTADO DA ARTE.....</b>	<b>11</b>
<b>4. MATERIAIS E MÉTODOS.....</b>	<b>23</b>
<b>4.1. Área de estudo.....</b>	<b>23</b>
4.1.1. Área de Proteção Ambiental da Serra do Lajeado .....	24
4.1.2. Sobre o Reassentamento Mariana .....	25
<b>4.2. Sobre o método do IQV e do IQCV .....</b>	<b>26</b>
4.2.1. Conhecendo o IQV e o IQCV .....	27
4.2.1.1. A questão.....	27
4.2.1.2. Pressuposições sobre o IQV e o IQCV.....	27
4.2.1.3. Elementos da proposição.....	28
4.2.1.4. Representação gráfica do IQCV e do IQV .....	32
4.2.1.5. Aplicando o Método do IQV e IQCV .....	32
4.2.1.6. Avaliando o IQV e o IQCV.....	34
4.2.2. Adaptando e desenvolvendo o indicador a realidade local .....	35
4.2.2.1. Conhecendo a comunidade, as pessoas e as relações .....	36
4.2.2.2. Construindo o questionário .....	37
4.2.2.3. Aplicando o indicador .....	38
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>40</b>
<b>5.1. Da aplicação do IQV e IQCV no Reassentamento Mariana .....</b>	<b>40</b>
5.1.1. Conhecendo a comunidade, as pessoas e as relações.....	40
5.1.1.1. Sobre os Projetos Desenvolvidos na Comunidade Reassentamento Mariana .....	41
5.1.1.2. Da Construção do questionário .....	42
<b>5.2. Da síntese dos Resultados obtidos .....</b>	<b>47</b>
5.2.1. Analisando o IQV e o IQCV .....	47
<b>5.3. Da objetividade da Visão à Subjetividade da Percepção.....</b>	<b>51</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>54</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>55</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>57</b>
<b>ANEXO A – Modelo de casa construída pela Investco para as famílias reassentadas.....</b>	<b>58</b>
<b>ANEXO B – Centro comunitário, Agroindústria e Casa do Mel .....</b>	<b>58</b>
<b>ANEXO C – Viveiro de mudas .....</b>	<b>59</b>
<b>ANEXO D – Aviário financiado pelo PIPA.....</b>	<b>59</b>
<b>ANEXO E – Tabela 1. Planilha de médias de notas dos técnicos referente ao critério social..</b>	<b>60</b>
<b>ANEXO F – Tabela 2. Planilha de médias de notas dos técnicos referente ao critério econômico .....</b>	<b>61</b>
<b>ANEXO G – Tabela 3. Planilha de médias de notas dos técnicos referente ao critério ambiental .....</b>	<b>62</b>
<b>ANEXO H – Tabela 4. Planilha de médias de notas das famílias referente ao critério social .</b>	<b>63</b>
<b>ANEXO I – Tabela 5. Planilha de médias de notas das famílias referente ao critério econômico .....</b>	<b>64</b>
<b>ANEXO J – Tabela 6. Planilha de médias de notas das famílias referente ao critério ambiental .....</b>	<b>65</b>



## RESUMO

Seguramente *Qualidade de vida* e *qualidade das condições para viver* são noções indissociáveis, no entanto, são passíveis sim de distinção. E a partir disso e de avaliações de diferentes olhares, é possível derivar um Indicador da Qualidade de Vida (IQV) e um Indicador da Qualidade das Condições para Viver (IQCv). Neste caso, o IQV resultaria mais da subjetividade da percepção de moradores de comunidades rurais e o IQCV mais da objetividade da visão de técnicos. Então para avaliar o quanto subjetividade e objetividade se relacionam em qualidade de vida aplicou-se o IQV e o IQCV em uma comunidade agrícola localizada no estado do Tocantins. No entanto, como não há uma visão puramente objetiva, tão pouco uma exclusiva percepção subjetiva, mas sim uma forte (inter)relação entre ambas, aponta-se aqui a necessidade e a importância de se trabalhar objetividade paralelamente à subjetividade. Afinal trabalhar objetividade *integrada, imbricada, inter-relacionada* à subjetividade, também é promover satisfação com a vida a partir de Qualidade de Condições para Viver.

**Palavras-chave:** qualidade de vida; qualidade das condições para viver; objetividade; subjetividade.

## 1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, se não nas últimas décadas, qualidade de vida assumiu um papel de elevada importância em todos os segmentos da sociedade. Com isso, houve uma crescente mudança no enfoque dado à qualidade de vida, no qual se buscou considerar além de aspectos objetivos também os aspectos subjetivos do tema (KLUTHCOVSKY & TAKAYANAGUI, 2007).

Conseqüentemente se passou a valorizar fatores como satisfação, qualidade dos relacionamentos, realização pessoal, percepção de bem-estar, possibilidades de acesso a eventos culturais, oportunidades de lazer (NAHAS, 2001 apud KLUTHCOVSKY & TAKAYANAGUI, 2007), além de sentimentos como felicidade, solidariedade e liberdade (KLUTHCOVSKY & TAKAYANAGUI, 2007).

Assim, a subjetividade tornou-se parte integrante na abordagem do tema qualidade de vida. No entanto, sabe-se que a subjetividade não é plena, uma vez que existem componentes objetivos presentes no meio e na vida das pessoas que influenciam na percepção da qualidade de vida (MEEBERG, 1993; PASCHOAL, 2001 apud KLUTHCOVSKY & TAKAYANAGUI, 2007).

Para Grayson & Young (1994) apud D'Agostini & Fantini (2008): "(...) qualidade de vida [apresenta] dois conjuntos fundamentais de componentes e processos operando: aqueles relacionados a um mecanismo psicológico interno e que produzem uma sensação de satisfação com a vida; e aquelas condições externas que desencadeiam aquele mecanismo interno".

A partir disso tudo pode-se dizer que qualidade de vida é noção que tanto demanda considerar a satisfação em viver determinadas condições, quanto as condições disponíveis para se viver no local.

Entretanto, nota-se que seria um equívoco avaliar a qualidade de vida de moradores de uma comunidade apenas a partir das condições que estes têm para viver. Percebe-se também, que não se pode inferir em quanto o viver de cada um vai melhorar somente a partir de determinadas melhorias nas condições para se viver. Isso porque não se pode assegurar sempre um viver melhor para todos os indivíduos, mas pode-se implementar ações adequadas para melhorar as condições para viver, e assim aumentar as possibilidades desses indivíduos se revelarem com melhor *qualidade de vida* (D'AGOSTINI & FANTINI, 2008). Porque a qualidade de vida emerge da satisfação em viver condições, e não necessariamente da qualidade das condições existentes.

Com isso, este trabalho tem o objetivo de entender como subjetividade e objetividade se relacionam na avaliação da Qualidade de Vida, ou seja, qual o grau de interação entre a satisfação com a vida e as condições disponíveis para viver.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1. Objetivo geral**

Avaliar o quanto a subjetividade manifestada através da satisfação em viver determinadas condições se relaciona com a objetividade que caracteriza as condições disponíveis para se viver.

### **2.2. Objetivos específicos:**

- Adaptar e aplicar o IQV e o IQCV na Comunidade do Reassentamento Mariana;
- Expressar de maneira objetiva a diferença entre a visão objetiva do técnico e a percepção subjetiva dos moradores da comunidade;
- Apontar a necessidade e a importância de se trabalhar objetividade aliada à subjetividade, para promover melhorias na qualidade de vida.

### 3. LEVANTAMENTO DO ESTADO DA ARTE

A ciência é formada por um conjunto de conhecimentos sobre realidades, obtidos de forma programada, sistemática e controlada. Com isso, suas conclusões devem ser passíveis de verificação para que se tornem válidas. Assim, o saber científico pode ser transmitido, verificado e desenvolvido, pois ao se conhecer cada etapa do processo torna-se possível sua reprodução (BOCK et al., 1999).

Segundo Portella [s.d.], a ciência é racional e busca métodos que conferem precisão aos processos. Para Bock et al. (1999), a característica fundamental da ciência é a contínua aspiração à objetividade.

De acordo com uma definição encontrada em Wikipédia, objetividade seria qualidade relacionada a tudo que é objetivo, externo à consciência. Sendo assim, é resultado de observação imparcial, logo independente de preferências individuais. Complementarmente, Portella [s.d.] constata que objetividade refere-se integralmente ao objeto de estudo, que é reconhecido exatamente como se apresenta.

Por outro lado, objetividade, do ponto de vista epistemológico, não é sinônimo de verdade, tão pouco de fidelidade ao objeto ou à realidade. Pode-se considerá-la um “índice de confiança” ou de “qualidade” dos conhecimentos e representações, no qual as regras que distinguem o objetivo do não objetivo se definem de acordo com o contexto (WIKIPÉDIA).

Para Alves-Mazzotti & Gewandsznajder (2001) apud Portella [s.d.], “afirmar que a ciência é objetiva não significa dizer que suas teorias são verdadeiras”. Isso porque, a objetividade da ciência não se concentra apenas na [suposta] imparcialidade do indivíduo. Na verdade, está basicamente no formular, publicar e submeter hipóteses a testes experimentais e críticas científicas.

Para Sponholz (2003), a objetividade se apresenta como uma discussão sobre a possibilidade de se conhecer uma realidade.

Quando fazemos ciência, baseamo-nos na realidade cotidiana e pensamos sobre ela. Afastamo-nos dela para refletir e conhecer além de suas aparências. O cotidiano e o conhecimento científico que temos da realidade aproximam-se e afastam-se: **aproximam-se porque a ciência se refere ao real; afastam-se porque a ciência abstrai a realidade para compreendê-la melhor**, ou seja, a ciência afasta-se da realidade, transformando-a em objeto de investigação – o que permite a construção do conhecimento científico sobre o real (BOCK et al., 1999, grifo nosso).

Assim como a ciência transforma a realidade em conhecimento, o senso comum transforma saberes mais especializados em teorias simplificadas, produzindo uma determinada visão de mundo. Contudo, senso comum e ciência não são formas exclusivas de conhecimento para se descobrir e interpretar a realidade (BOCK et al., 1999).

No entanto, a Ciência da objetividade conduziu o mundo a descobertas importantes. Porém, o racionalismo exacerbado gerou uma visão fragmentada e unilateral do todo, uma vez que ao validar e valorizar exclusivamente o método analítico desconsiderou completamente os acontecimentos e experiências individuais, ou seja, o sujeito (EMOÇÃO, [s.d.]).

“Criticamos a exclusão do pensador de seu próprio pensar (...) uma ciência materialista, determinista, destruidora, cheia de certezas, que ignora o diálogo e as interações que existem (...)” (Moraes, 1997:43 apud EMOÇÃO, [s.d.]).

Ao longo da história, viu-se a ciência supervalorizar a objetividade marginalizando o aspecto emocional. A exclusão do sujeito na busca do rigor científico traz uma visão irreal e parcial dos fatos devido à incoerência desta fragmentação. O sujeito pesquisador utiliza a razão, fato que não o reduz unicamente a um ser racional. É racional/objetivo e ao mesmo tempo emocional/subjetivo. “Negar tal condição é negar o próprio ser, sua essência e existência no e com o mundo” (EMOÇÃO, [s.d.]).

A objetividade e o rigor presentes em atividades científicas caracterizam-se como qualidades fundamentalmente preparatórias. Portanto, devem estar presentes sem tornarem-se absolutas, ou segundo Barthes, 1988: 27 apud Ozório “não podem ser transferidas para o discurso”. Isso porque, “a linguagem é um espaço de construção/constituição dos sujeitos, da subjetividade, e o discurso é a linguagem em funcionamento” (OZÓRIO, [s.d.]).

Por conseguinte, a objetividade científica passou a ser profundamente questionada. Com isso, as ciências, em especial as humanas, afastaram-se um pouco em relação à perspectiva positivista. Uma vez que tal perspectiva considera que os fatos humanos são semelhantes aos da natureza, sendo possível observá-los e descrevê-los com precisão. No entanto, as ciências humanas trabalham com fenômenos mais complexos que os naturais. A simples exposição do sujeito à pesquisa basta para modificar e produzir diferentes resultados. Isso porque, o homem como ser racional pensa, age e reage (PORTELLA, [s.d.]).

Todavia, as limitações do positivismo em estudar o ser humano foram decisivas para o esgotamento progressivo do modelo, para a redefinição da ciência e do procedimento de construção dos saberes. Afinal, “apesar de a ciência ser feita para os homens, ela é feita por homens” (PORTELLA, [s.d.]).

Ao longo do século XX, a relevância dos aspectos subjetivos no processo científico foi retomada. Constatou-se que, além de impossível, a separação absoluta entre subjetividade e objetividade é indesejável. O conhecimento não se torna objetivo quando a sua subjetividade é negada, mas ao confrontá-lo com uma realidade e submetê-lo à prova empírica (MEDITSCH, 1992; POPPER, 1994 apud SPONHOLZ, 2003).

Hoje, diversos cientistas discutem a estreita relação existente entre objetividade e subjetividade. Com isso propõem uma intersecção, um imbricar, uma inter-relação, uma integração desses aspectos, uma vez que, jamais estiveram separados de fato, mas apenas dissociados pela ciência positivista/reducionista que, almejando a objetividade, descartava o sujeito (EMOÇÃO, [s.d.]).

Compreende-se, portanto, a impossibilidade dessa dissociação. Segundo Byington apud Emoção [s.d.], há uma onda de integração e de retomada da visão holística com o intuito de integrar o saber em uma realidade humana sem separar-se do subjetivo, da fantasia, da emoção, das crenças e dos mitos. “Nós estamos voltando a esse subjetivo por perceber que a dissociação dele foi muito maléfica” (EMOÇÃO, [s.d.]).

Até mesmo a almejada objetividade jornalística, que foi considerada o principal traço do jornalismo desde os anos de 1950, foi afetada. A busca incessante por matérias jornalísticas *isenta e objetiva* que apenas retratassem a realidade, chega à década de 90 com seu prestígio fortemente abalado. Isso porque, negando a interferência do papel mediador pode ocultar, juntamente, interesses empresariais e políticos (OZÓRIO, [s.d.]).

Segundo Sponholz (2003), muitos estudos apontam a impossibilidade de ser objetivo e repreendem a mídia pela ausência de neutralidade. No entanto, tais estudos desconsideram a impossibilidade de se “ler” a realidade sem interpretá-la, sem encarar os fatos a partir de uma determinada perspectiva”.

De acordo com Popper (1984) apud Sponholz (2003), um texto não pode ser considerado objetivo quando espelha uma realidade. Conhecer uma realidade de maneira completa e absoluta mostra-se impossível. A objetividade passa a ser uma questão de grau. Logo, objetividade absoluta não existe.

Por outro lado, Sponholz (2003) afirma também ser inaceitável entender que ao se reconstruir uma realidade deixa-se de ser objetivo. A observação pelo sujeito, a partir de uma perspectiva, não impede a aproximação daquela realidade.

Com isso, seria um equívoco considerar objetividade e subjetividade como antônimas. Subjetividade faz parte do processo, uma vez que a busca da realidade sobre um

determinado problema pressupõe interesse. Portanto, subjetividade é uma condição para a objetividade (SPONHOLZ, 2003).

A subjetividade manifesta-se, revela-se, converte-se, materializa-se e objetiva-se no sujeito. Ela é processo que não se cristaliza, não se torna condição nem estado estático e nem existe como algo em si, abstrato e imutável. É permanentemente constituinte e constituída. Está na interface do psicológico e das relações sociais (MOLON, 2000).

Amatuzzi (2006) considera curioso o conceito de subjetividade. Segundo ele, é diferente dos demais conceitos utilizados em pesquisa, uma vez que estes tratam sobre aspectos da realidade que se encontram diante de todos. Isso porque, tais conceitos foram construídos a partir em uma relação sujeito-objeto. Até mesmo conceitos mais complexos, como os que não designam algo concreto ou material, também são construídos dentro dessa relação sujeito-objeto.

Um aspecto interessante desses conceitos é a possibilidade da separação de seu conteúdo intelectual do afetivo, emocional. Com isso, foi possível se fazer ciência isenta, ciência objetiva. Pois a objetividade científica considera a coisa como é de fato, e não como alguém gostaria que fosse. A ciência se apóia na “separabilidade” desses dois aspectos dos conceitos: o racional e o emocional (AMATUZZI, 2006).

Entretanto, existem coisas que não se pode alcançar só intelectualmente. Torna-se necessário uma experiência pessoal, caso contrário não há entendimento verdadeiro. Conceitos simples não contemplam esse tipo de realidade, uma vez que podem ser entendidos independentemente de qualquer envolvimento pessoal. Embora a maioria dos conceitos seja construída a partir da relação sujeito-objeto, tendo o aspecto racional separável do emocional, sem demandar envolvimento, nem todos são assim. “Talvez o conceito de subjetividade seja desse outro tipo” (AMATUZZI, 2006).

“Curioso esse conceito [de subjetividade]. Ele não fala de algo que está lá e que se dá a conhecer, mas de algo com o qual é possível se relacionar, e é apenas dessa relação que nasce um certo conhecimento” (AMATUZZI, 2006).

Ao se comparar as palavras ciência e consciência, consegue-se entender algumas diferenças entre tais conceitos. A ciência se refere a um conhecimento objetivo, seguro. Caracteriza-se como uma aproximação meramente racional da realidade, isenta. É saber o objeto. A consciência é saber de um saber. “Na ciência estamos totalmente polarizados pelo



objeto. Na consciência nos incluímos nessa relação”. Na ciência todo o campo de conhecimento é preenchido pelo objeto, na consciência o sujeito está explicitamente presente neste campo. Movimentar-se no campo da ciência é conhecer cada vez mais detalhes da realidade objetiva. Movimentar-se no campo da consciência é incluir-se cada vez mais na relação com o mundo. Ciência é acumular informações objetivas. Consciência é envolver-se criticamente com as coisas (AMATUZZI, 2006).

No entanto, a palavra consciência pode ser entendida simplesmente como um objeto. Sem a experiência subjetiva pode-se acumular conhecimentos objetivos sobre a “consciência”, sendo possível manipulá-la como qualquer outro objeto. Assim se permanece na relação sujeito-objeto, sem saber verdadeiramente o que é a consciência. “Sendo este todo o problema das ciências humanas” (AMATUZZI, 2006).

A subjetividade é a consciência de si, a auto-consciência. **Pode-se saber muito sobre ela, sem saber nada dela.** Pode-se estudá-la do ponto de vista da relação sujeito-objeto e fazer ciência humana no sentido de quem toma o ser humano como objeto de ciência objetiva. Mas seria isso conhecer a subjetividade? Seria isso apropriar-me mais de mim mesmo? Aqui poderíamos pensar: mas para quê isso? Não bastaria conhecer objetivamente a subjetividade? O que se perde com isso? Penso que o que se perde ficando somente no conhecimento objetivo é a própria noção de sujeito. É a capacidade de ser senhor de si. Mesmo sendo muito difícil ser senhor de si, não se deve deixar de lado essa possibilidade que faz toda a beleza do mistério humano. Seria renunciar à própria humanidade do ser humano (adaptado de AMATUZZI, 2006, grifo nosso).

“Então como seria pesquisar a subjetividade? Pesquisar a subjetividade enquanto tal não é simplesmente produzir conhecimentos sobre ela, mas aproximar-se “experencialmente” dela para só depois produzir um discurso expressivo” (AMATUZZI, 2006).

Se o pesquisador não se deixar “tocar” pela subjetividade do outro, permitindo que ela faça um sentido humano para ele, estará pesquisando a objetividade e não a subjetividade. É preciso sair da perspectiva convencional de ciência para fazer esse outro tipo de pesquisa. Eu diria que a subjetividade não se entrega como objeto de conhecimento se eu me aproximar dela de modo meramente cognitivo. Só posso me aproximar dela participativamente, mobilizando-a também dentro de mim. A pesquisa da subjetividade é diretamente mobilizadora do sujeito e não apenas instrumentalizadora dele (AMATUZZI, 2006).

Segundo AmatuZZi (2006), certamente há um modo de se fazer pesquisa-intervenção da subjetividade com objetividade. Porém, não é a objetividade que coloca o objeto fora do âmbito do sujeito (esta seria a objetividade da pesquisa positivista), mas sim a que decorre da intersubjetividade quando esta é vivida de forma crítica. Seria, então, objetividade na intersubjetividade que equivale a ter senso crítico sobre os pressupostos da relação e, portanto, saber justificá-los. Em resumo, existe objetividade na pesquisa da subjetividade, sendo a que decorre da intersubjetividade (o consenso) e do senso crítico (dar conta dos pressupostos envolvidos).

Com isso, a pesquisa da subjetividade deve envolver o sujeito, incluindo e mobilizando o próprio pesquisador. É uma pesquisa que tende a modificar a consciência das pessoas envolvidas. Tal pesquisa-intervenção não exclui uma certa objetividade, é essencialmente, a que decorre da intersubjetividade e da capacidade de ver claro os pressupostos (AMATUZZI, 2006).

No entanto, é a possibilidade de o indivíduo perceber sua própria experiência subjetiva que condiciona a mudança, assim o próprio indivíduo pode avaliar sua experiência e modificá-la (Pagès, 1976). Perceber adequadamente a própria experiência subjetiva não é sinônimo de um conhecimento objetivo. “É muito mais um aproximar-se de sua subjetividade: eis aqui um conhecimento que envolve a pessoa” (AMATUZZI, 2006).

Novas formas de perceber foram desenvolvidas de acordo com um regime de visualidade subjetiva capaz de promover novas experiências, sendo que, assim, a visão perde sua clássica objetividade (CARVALHO, 2006).

Segundo Bock et al. (1999), “o que o indivíduo percebe e como percebe são dados importantes para a compreensão do comportamento humano”. Muitas vezes, o comportamento apresenta uma relação estreita com os estímulos físicos, em outras se torna completamente diferente do esperado, pois o ambiente pode ser entendido de uma maneira diferente de sua realidade.

O comportamento é determinado pela percepção do estímulo. O conjunto de estímulos determinantes do comportamento é denominado meio ou meio ambiental, sendo conhecidos dois tipos de meio: o geográfico e o comportamental (BOCK et al., 1999).

Meio geográfico é “o meio enquanto tal, o meio físico em termos objetivos”. O meio comportamental é “o meio resultante da interação do indivíduo com o meio físico e implica a interpretação desse meio através das forças que regem a percepção”. A interpretação do meio percebida agora como uma “realidade” subjetiva, particular, criada pela mente, é o meio

comportamental. Naturalmente, o comportamento é desencadeado pela percepção do meio comportamental (BOCK et al., 1999).

Para Ballone (2005) a percepção pode ser considerada como um dos principais comportamentos recorrentes através do qual construímos nossa realidade. O termo percepção designa o ato pelo qual tomamos conhecimento de um objeto do meio exterior. A maior parte de nossas percepções conscientes provém do meio externo. Trata-se a percepção como uma situação objetiva baseada em sensações, acompanhada de avaliação e freqüentemente de juízos.

Por outro lado, Blois Filho et al. [s.d.] considera percepção um processo interativo do indivíduo com o meio, que produz conhecimento por intermédio dos sentidos. Para Piaget (1976), a origem do conhecimento concentra-se na interação do sujeito com o objeto, sendo o objeto dependente das estruturas mentais disponíveis naquele momento.

Sponholz (2003), em seu trabalho, parte dos seguintes pressupostos:

1. Há uma realidade ou mundo externo (*Aussenwelt*), que não é fruto e nem depende da nossa percepção para existir;
2. É possível estabelecer um contato com esta realidade e através deste, conhecê-la;
3. O conhecimento da realidade é sempre seletivo, perspectivo e construtivo. Estes são aspectos constitutivos do processo de conhecimento.

“O fato de que eu só posso ‘conhecer’ o sol através do que os meus olhos possibilitam, através da minha percepção do sol, não significa que o sol não existe” (BENTELE, 1982; FRÜH, 1994; POPPER, 1984 apud SPONHOLZ, 2003).

Para Sponholz (2003), torna-se impossível conhecer a realidade inteiramente, pois o nosso sistema nervoso, a nossa capacidade de percepção, são limitados.

Devido à limitada capacidade de percepção da realidade, **o homem escolhe o que quer saber**. Quando alguém entra em uma sala procurando um lugar para sentar, vai observar as cadeiras e deixar de ver outras coisas. Quando se observa a realidade, o homem a realiza sempre de maneira seletiva. (...) Portanto, existem aspectos da realidade que serão deixados de lado. (...) O **homem** à procura da cadeira também **parte da sua própria perspectiva, do que lhe interessa naquele contexto** – naquele instante e local. **A percepção da realidade é sempre perspectiva: depende de quem observa, de quando, de onde** (SPONHOLZ, 2003, grifo nosso).

No sentido mais amplo, o conceito de percepção caracteriza-se como um processo de cognição determinado pelo interesse e/ou necessidade do sujeito de estruturar sua interface com a realidade e o mundo. Com isso, as informações percebidas são selecionadas, sendo então armazenadas e imbuídas de significado (OLIVEIRA & RIO, 1999 apud BLOIS FILHO et al., [s.d.]).

Kevin Lynch e Gordon Cullen (1959) apud Blois Filho et al. [s.d.], pioneiros no desenvolvimento de metodologias de estudo em percepção ambiental, admitem que os atributos do meio – natural ou construído – influenciam no processo perceptivo. Evidenciando, assim, a possibilidade de o ambiente ser percebido de diversas maneiras, na qual indivíduos diferentes percebem um mesmo espaço de forma desigual.

A organização perceptual muitas vezes reflete os fatores pessoais de quem percebe, tais como suas necessidades, emoções, atitudes e valores. Quanto mais forte a necessidade de uma pessoa, mais predisposta estará para determinados aspectos significativos a esta necessidade no campo perceptual. O estado emocional pode provocar uma predisposição que influi nos processos de percepção e de pensamento (BALLONE, 2005).

A percepção transcendente, ou seja, a forma da realidade apreendida pode ser modificada em consequência de condições pessoais momentâneas. Dependendo da fadiga, da ansiedade ou do afeto, por exemplo, os estímulos externos podem ser captados como sensações agradáveis ou desagradáveis (BALLONE, 2005).

Nossa percepção não identifica o mundo exterior como ele é na realidade, mas como as transformações efetuadas pelos nossos órgãos dos sentidos nos permitem reconhecê-lo. Assim é que transformamos fótons em imagens, vibrações em sons e ruídos e reações químicas em cheiros e gostos específicos (BALLONE, 2005).

Para se perceber o mundo, o indivíduo necessita de seus sistemas sensoriais. O conhecimento do mundo exterior resulta das sensações dele captadas. Portanto, quanto mais desenvolvidos forem os órgãos dos sentidos e o sistema nervoso, mais delicadas e variadas serão suas sensações (BALLONE, 2005).

Para maior eficiência dos sentidos, os vários órgãos devem funcionar integradamente. Geralmente não é apenas um sentido que atua na percepção dos objetos, além disso, os sentidos funcionam juntos e se completam (BALLONE, 2005).

Basicamente, é através da ação cooperativa dos sentidos (visão, audição, tato, olfato, etc.) que se obtém um quadro consistente, útil e realista do ambiente físico. As impressões dos vários sentidos são, de certa maneira, combinadas ou organizadas para apresentar um quadro relativamente estável da realidade (BALLONE, 2005).

A percepção consiste na apreensão de uma totalidade e sua organização consciente não é uma simples adição de estímulos locais e temporais captados pelos órgãos dos sentidos. “Nossa experiência (consciência) do mundo revela que não temos apenas sensações isoladas dele, ao contrário, o que chega à consciência são configurações globais, dinâmicas e perfeitamente integradas de sensações” (BALLONE, 2005).

A percepção, ao contrário da sensação, não é uma fotografia dos objetos do mundo determinada unicamente por qualidades objetivas do estímulo. Na percepção, acrescenta-se aos estímulos elementos da memória, do raciocínio, do juízo e do afeto. Com isso, se adiciona elementos subjetivos e próprios de cada indivíduo às qualidades objetivas. Embora as sensações não ofereçam propriamente o conhecimento do mundo, representam os elementos necessários ao conhecimento sem os quais não existiriam percepções. Assim, pode-se dizer que a percepção se relaciona com a forma da realidade apreendida e a sensação a fragmentos esparsos dessa mesma realidade (BALLONE, 2005).

No entanto, essa função totalizadora e integradora das sensações que formam e constroem a percepção individual da realidade, envolve mecanismos subjetivos muito além da objetividade neurofisiológica da sensação.

No ato perceptivo se distinguem dois componentes fundamentais: a captação sensorial e a integração significativa, a qual permite o conhecimento consciente do objeto captado. Portanto, as percepções serão subjetivas por existirem em nossa consciência, e objetivas pelo conteúdo que estimula a sensação (BALLONE, 2005).

A percepção que se transforma na realidade consciente é a percepção cuja objetividade já remete à subjetividade ou ao significado consciente real, sendo assim a ponte que une o objeto ao sujeito. A percepção posterior à realidade consciente é a percepção que não contém propriamente uma nova subjetividade, mas toca nela a partir de estímulos atuais reforçando a subjetividade (BALLONE, 2005).

Blois Filho et al. [s.d.] constatam que apesar da percepção ser subjetiva para cada indivíduo, existe recorrências comuns entre estes. Isso leva a crer que há uma relação entre necessidades e comportamentos comuns, sendo possível admitir que os dados obtidos no

individual, muitas vezes, revelam expectativas compartilhadas pela população da área, proporcionando suporte a ações que contemplem o coletivo.

Partindo-se desse pressuposto, a partir das percepções de indivíduos que vivem a mesma realidade, torna-se possível identificar aspectos importantes para se promover uma qualidade de vida satisfatória para todos.

A Organização Mundial da Saúde no ano de 1974 definiu qualidade de vida como “a percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive, e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações” (UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA).

Para a compreensão dessa percepção faz-se necessário considerar a configuração total do campo em que é produzido, no qual agem diferentes dimensões: saúde física, saúde psicológica, relações sociais e com meio (UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA).

Ramos (1995) apud Campos (2007), entende qualidade de vida como um conjunto harmonioso e equilibrado de realizações em todos os níveis, como saúde, trabalho, lazer, sexo, família e desenvolvimento espiritual.

Devido ao caráter de objetividade e subjetividade que estão intrincados no tema, torna-se difícil um consenso acerca do conceito de qualidade de vida. Segundo Barbosa (1996), “o tema é permeado por indicadores objetivos e subjetivos, num contexto de percepção do indivíduo em relação a sua vida cotidiana e ao meio em que vive”. Os indicadores objetivos citados pelo autor se referem a fatores econômicos, sociais, políticos, culturais, religiosos, entre outros, enquanto que os indicadores subjetivos dizem respeito à percepção do indivíduo frente a si mesmo e ao mundo, ao estilo de vida, etc. Esses indicadores relacionam-se entre si de forma direta com implicações significativas na vida da pessoa e da sociedade (UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA).

O tema qualidade de vida está muito além das ciências humanas e biológicas. Justamente por ser o produto da interação entre as expectativas e realizações de uma pessoa, somente poderá ser descrita e medida em uma análise subjetiva (CAMPOS, 2007).

Matos (1996) apud Campos (2007) afirma que Qualidade de Vida está intimamente ligada ao campo da motivação humana, sendo necessário identificar as necessidades para sua realização.

A grande maioria dos pesquisadores e estudiosos do assunto discute qualidade de vida englobando campos distintos como estados físicos e habilidades funcionais, estado

psicológico e bem-estar, interações sociais, fatores e estados econômicos e/ou vocacionais, estado espiritual e/ou religioso (CAMPOS, 2007).

Spilker apud Campos (2007) destaca que o conceito de qualidade de vida apresenta três níveis:

1. avaliação total do bem-estar;
2. domínio global (físico, psicológico, econômico, espiritual e social);
3. componentes de cada domínio.

Spilker apud Campos (2007) comenta ainda que ao se colocar tal conceito em forma de pirâmide tem-se a presente formação: na base os componentes de cada domínio (3); no meio os domínios globais (2); e no topo a avaliação geral de bem-estar do indivíduo (1). O bem-estar geral do indivíduo, nível mais alto da pirâmide, pode ser descrito como a satisfação geral e o sentimento de bem-estar pessoal do indivíduo com sua vida. Segundo o autor, todos os componentes podem ser avaliados por testes e escalas em conjunto ou isoladamente.

Podemos avaliar a Qualidade de Vida, então, sob dois aspectos: objetivo e subjetivo. O aspecto objetivo é possível de ser aferido, através das condições de saúde física, remuneração, habitação, e também, por meio daqueles indicadores observáveis e mensuráveis. Já o aspecto subjetivo da qualidade de vida busca os sentimentos humanos, as percepções qualitativas das experiências vividas (CAMPOS, 2007).

Segundo Cardoso (1999) apud Campos (2007) a qualidade de vida diz respeito à maneira pela qual o indivíduo interage com o meio, levando-se em conta sua individualidade e subjetividade, sua interação com o mundo externo, uma vez que é impossível separá-lo de sua interação com o meio. “A ‘vida com qualidade’ é determinada por uma relação de equilíbrio entre forças internas e externas” (CARDOSO, 1999 apud CAMPOS, 2007).

A Qualidade de Vida é a percepção de bem-estar quanto às expectativas de satisfação das necessidades e do estado de motivação (COSTA, 2006). Para Wilhelm e Deak (1970) apud Campos (2007) qualidade de vida é “a sensação de bem-estar do indivíduo”. Sensação esta proporcionada pela satisfação de condições tanto objetivas (renda, emprego, objetos possuídos, qualidade de habitação) como subjetivas (segurança, privacidade, reconhecimento, afeto).

Entende-se assim, que a busca pelo reconhecimento das condições de vida existentes em uma comunidade, torna-se fundamental para caracterizar a qualidade de vida de indivíduos que vivenciem tais condições, pois segundo D'Agostini & Fantini (2008) qualidade de vida e qualidade das condições para viver são noções indissociáveis, porém distinguíveis.

Com isso, pode-se trabalhar com um indicador de qualidade de vida e um indicador da qualidade de condições para viver. Isso porque, com um Indicador de Qualidade de Vida (IQV) seria possível aferir o nível de satisfação das pessoas que vivem certas condições e com um Indicador da Qualidade de Condições para Viver (IQCv) verifica-se a possibilidade dessas pessoas se declararem satisfeitas vivendo tais condições. Com isso, o IQV “só pode ser derivado com a participação e muito a partir da percepção dos indivíduos quanto às condições que eles vivem”. Enquanto o IQCV é “obtido a partir de pressuposições coletivas sobre condições em que proporcionalmente mais viventes se declarariam vivendo bem, ou mal” (D'AGOSTINI & FANTINI, 2008).

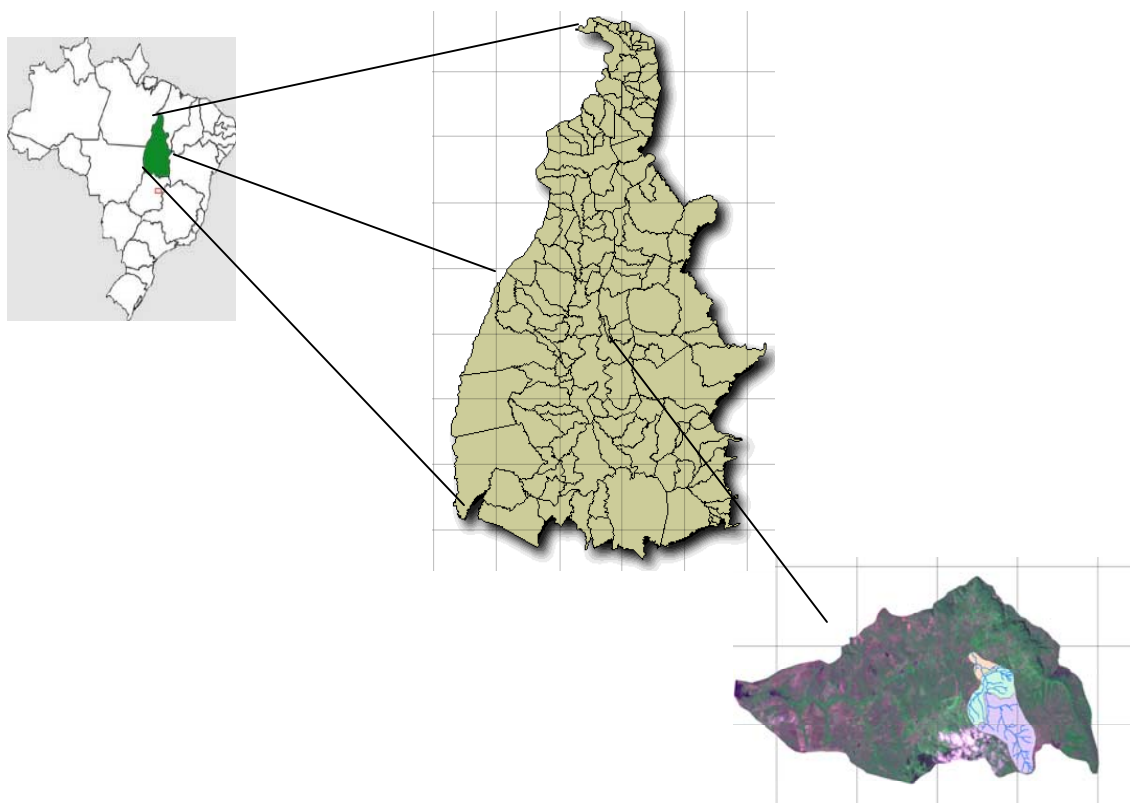
Contudo, é preciso destacar que IQCV e IQV provêm “de avaliações de diferentes olhares sobre os significados de estados dos mesmos aspectos” (D'Agostini & Fantini, 2008), ou seja, da visão objetiva do técnico que caracteriza as condições disponíveis para se viver, e da percepção subjetiva do indivíduo que revela a satisfação em viver tais condições.



## 4. MATERIAL E MÉTODOS

### 4.1. Área de estudo

O presente trabalho foi realizado no Reassentamento Mariana, localizada no município de Palmas, capital do estado do Tocantins (Figura 1.). O Reassentamento está inserido na microbacia do córrego São Joãozinho, situada na Sub-Bacia do ribeirão São João. A bacia, que compreende uma área de 34.328 ha, encontra-se entre os paralelos  $10^{\circ} 19' 18''$  e  $10^{\circ} 27' 56''$  sul e os meridianos  $48^{\circ} 05' 03''$  e  $48^{\circ} 24' 40''$  oeste de Greenwich.



**Fonte:** LIMA, 2007.

**Figura 1:** Mapa de localização da bacia do ribeirão São João, com destaque para área da microbacia do córrego São Joãozinho onde se localiza o Reassentamento Mariana (sem escala).

A região, de acordo com a classificação proposta por W. Köepen, se enquadra em clima AW - Tropical Semi-úmido. Este tipo climático, tropical de verão úmido e período de estiagem no inverno, apresenta as seguintes características: totais pluviométricos anuais superiores a 1200 mm; duas estações bem definidas, sendo uma chuvosa, de outubro a abril, com médias mensais superiores a 180 mm e outra seca, de maio a setembro, com valores mensais quase nulos; temperaturas médias em torno de 27°C e direção do vento, na maior parte do ano, no sentido sudeste (BEZERRA, 2005, p.106 apud CARMO, 2007, pg. 99).

Segundo o projeto RADAMBRASIL, a região insere-se nas unidades geomorfológicas da Depressão do Tocantins, onde se destaca a Serra do Lajeado, e do Planalto Residual do Tocantins, onde corre o Rio Tocantins. O relevo é predominantemente plano, sendo individualizado pela presença de escarpas abruptas onde a altitude varia de 200 a 300 metros e prevalece o relevo suavemente ondulado (BRASIL, 1981 apud LIMA, 2007).

A vegetação dominante na área é a Savana (Cerrado). A cobertura vegetal é composta, em sua maioria por Mata de Galeria, que ocupa 32,95% da área, seguida pelo Cerrado com 24,9% do total, Campo com 19,65%, Pastagem com 19,2% e com uma pequena parcela tem-se o Cerradão com 2,52% e a Área urbanizada com 1,58%. As classes de solo predominantes são: Latossolo Vermelho-Amarelo e Latossolos Vermelho-Escuro Distrófico. (UNITINS, 2005, p.8 apud LIMA, 2007).

#### **4.1.1. Área de Proteção Ambiental da Serra do Lajeado**

O Reassentamento Mariana encontra-se dentro dos domínios da Serra do Lajeado, uma Área de Proteção Ambiental (APA), conforme Código florestal.

A região da Serra do Lajeado situa-se na parte central do Estado do Tocantins, contornando inteiramente a capital. Na área encontram-se dezenas de cachoeiras e nascentes; paredões com inúmeras pinturas rupestres e ainda uma rica diversidade de flora e fauna. Como forma de garantir a preservação dos recursos naturais da Serra do Lajeado, implantou-se na região duas unidades de conservação: a APA Serra do Lajeado e Parque Estadual do Lajeado.

O Parque Estadual do Lajeado tem como objetivo principal proteger amostras dos ecossistemas da Serra do Lajeado, assegurando a preservação da flora, fauna e demais recursos naturais, características geológicas e geomorfológicas. Com o parque, além de se

proporcionar oportunidades controladas para visitação, educação e pesquisa científica, pretende-se proteger os mananciais que abastecem a capital e coibir a expansão urbana nas encostas (SEPLAN/TO).

A criação do estado do Tocantins em 1988, e a conseqüente implantação da capital Palmas, levaram a região a um acelerado crescimento. Com isso, desencadeou-se um intenso processo de ocupação com o parcelamento do solo, a abertura de vias de acesso, seguidos de desmatamentos generalizados.

Com isso, em 1989, mediante Decreto nº 213/89, a área de representação ecológica da Serra do Lajeado foi criada, mas sem reconhecimento regional. Em 1996, uma comissão técnica do Sistema Estadual de Meio Ambiente elaborou um relatório para subsidiar a avaliação da área. A meta era compatibilizar a ocupação humana com a conservação ambiental através de atividades auto-sustentáveis e o estabelecimento de programas de monitoramento e educação ambiental. Então, no ano seguinte, com a aprovação da lei nº 906 de 20/05/1997 foi criada a APA – Serra do Lajeado.

#### **4.1.2. Sobre o Reassentamento Mariana**

O Reassentamento Mariana foi criado no ano de 2000, como medida compensatória decorrente da construção da Usina Hidroelétrica Luiz Eduardo Magalhães (UHE Lajeado).

A Investco, empresa responsável pelo empreendimento, reassentou 13 famílias em uma área de 494,5 ha. A área destinada a cada família variou entre 07 e 10 ha. As casas foram construídas pela empresa, sendo que as moradias são de alvenaria e possuem banheiro e fossa séptica (ANEXO A).

A comunidade foi beneficiada com a construção do centro comunitário (ANEXO B) e com a disponibilização de água encanada e energia elétrica às casas. A empreendedora também investiu na infra-estrutura produtiva através de equipamentos para irrigação, viveiro de mudas (ANEXO C) e serviços de assistência técnica.

Inicialmente a assistência técnica era feita pela COOPTER, que foi viabilizada através de um convênio entre o Movimento dos Atingidos por Barragens – MAB e a Investco. No entanto, esse convênio expirou e os reassentados estão sem assistência técnica no momento.

A organização social dessa comunidade se concentra basicamente na Associação dos Olericultores do Reassentamento Mariana. A sede da associação está localizada no centro comunitário, onde também são realizadas as reuniões mensais dos associados, assim como encontros e comemorações (UNITINS, 2005 apud LIMA, 2007).

A comunidade não possui escola ou posto de saúde, sendo estes serviços requeridos junto a Escola Municipal Marcos Freire e ao Posto de Saúde, disponíveis a partir do Projeto de Assentamento São João (UNITINS, 2005 apud LIMA, 2007).

Nos primeiros anos do Reassentamento, a produção agrícola na comunidade era voltada principalmente ao cultivo de hortaliças para a comercialização nas feiras livres de Palmas. Isso porque os agricultores já praticavam a olericultura em suas antigas terras. Outras culturas como o arroz, o milho e a mandioca também eram cultivadas para consumo familiar e criação de pequenos animais como aves e suínos. Além dessas atividades, havia outras menos expressivas como a produção de leite, mel e peixes. Pode-se destacar que algumas famílias da comunidade iniciavam seus trabalhos com as práticas agroflorestais, sendo que as demais também apresentavam intenção de adotar tais práticas em seus sistemas produtivos (UNITINS, 2005, p.8 apud LIMA, 2007).

#### **4.2. Sobre o método do IQV e do IQCV**

A metodologia utilizada para se avaliar a qualidade das condições disponíveis para se viver no Reassentamento Mariana e a qualidade de vida de seus moradores, foi baseada em D'Agostini & Fantini (2008).

## **4.2.1. Conhecendo o IQV e o IQCV**

### **4.2.1.1. A questão**

*Qualidade de vida e qualidade das condições para viver: indissociáveis, porém distinguíveis.*

### **4.2.1.2. Pressuposições sobre o IQV e o IQCV**

O Indicador da Qualidade das Condições para Viver (IQCV) e o Indicador da Qualidade de Vida (IQV) são derivados a partir de avaliações de diferentes olhares sobre os significados de estados dos mesmos aspectos. O primeiro resulta da objetividade na visão e o segundo da subjetividade da percepção.

Com o IQV pode-se aproximar do nível de satisfação de quem está vivendo em determinadas condições, pois este é proveniente da percepção dos indivíduos quanto às condições que vivem. Já com o IQCV pode caracterizar as condições disponíveis para serem vividas, uma vez que é o produto de pressuposições coletivas sobre tais condições.

Com isso, quanto maior a diferença entre o IQCV e o IQV, maior será a diferença entre o olhar profissional que promove melhorias e a percepção daquele que dispõe das condições existentes.

São duas as necessidades para a adequada derivação de indicadores da *qualidade das condições para viver* e da *qualidade de vida* no rural: a) identificar quais são os aspectos a partir dos quais os indicadores podem ser derivados; b) engendrar um sistema de relações que possa produzir uma informação simples e cuja mensagem incorpore o significado das condições do conjunto de aspectos reconhecidos como relevantes.

D'Agostini & Fantini (2008) destacam a necessidade de se ter indicadores derivados à luz de um determinado contexto. Assim, os autores não determinam os aspectos que devem ser considerados na avaliação, mas assumem que será principalmente o contexto – e quem puder compreendê-lo – que determinará a importância do aspecto e do seu estado. Com isso,

apenas sistematiza relações para obter um IQCV e um IQV independentemente de quais aspectos sejam apropriadamente apontados em determinado contexto.

#### 4.2.1.3. Elementos da proposição

Segundo D’Agostini & Fantini (2008), o incremento de satisfação (melhoria da *qualidade de vida*) coletiva é proporcionalmente maior quando melhorias na *qualidade das condições para viver* ocorrem entre aqueles que têm muito pouco para se satisfazerem.

De acordo com a Figura 2, o nível de Qualidade de Vida cresce em taxa decrescente quando em decorrência da melhoria da Qualidade das Condições para se Viver.

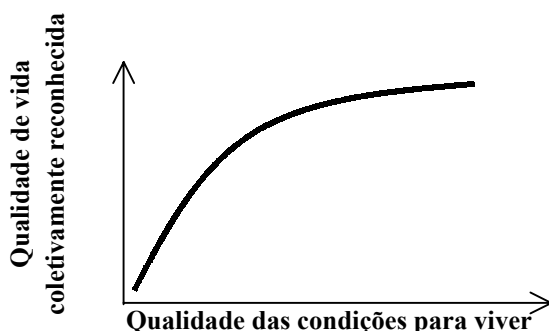


Figura 2. Relação entre qualidade das condições para viver e qualidade de vida coletivamente esperada.

Contudo, para se garantir uma boa qualidade de condições para viver, **mais importante do que dispor de ótimas condições em alguns dos aspectos relevantes, é dispor de condições homoganeamente satisfatórias em todos os aspectos essenciais**. Ou seja, admitindo-se que um IQVC possa ser obtido a partir dos aspectos A, B e C é melhor que todos se apresentem a 60% da condição desejada, do que ter o aspecto A a 40%, o aspecto B a 80% e o aspecto C a 60% da condição desejada. Com isso, além de sintetizar as condições de diversos aspectos em um único valor, o IQCV deve resultar com módulo determinado também pelo grau de homogeneidade verificada nos níveis dessas condições.

Caracterizar estados de *Qualidade de Vida* ou de *Qualidade de Condições para Viver* demanda um referencial respectivo. Tal referencial é o estado desejável e possível para um

determinado contexto. Assim, uma *Qualidade de Vida* devidamente caracterizada refere-se a um estado de satisfação em viver. Já uma *Qualidade de Condições para Viver*, quando devidamente caracterizada, refere-se a um estado de disponibilidade de meios. Significa que o IQV e o IQCV são derivados a partir de afastamentos de um estado “ideal”. Mas enquanto que um IQCV pode ser obtido a partir de objetivos estados de aspectos coletivamente valorizados, um IQV somente pode ser obtido a partir de manifestações imersas em subjetividade inerente à percepção individual sobre o significado daqueles mesmos aspectos e estados.

A objetividade possível na caracterização das *condições para viver* e a subjetividade implícita na caracterização da *satisfação com a vida* nessas condições não implicam maior significação à primeira caracterização. É exatamente a possibilidade de mais indivíduos revelarem-se satisfeitos, mesmo que de forma subjetiva, que assegura significação ao esforço de promover e objetivamente caracterizar as condições para viver. Com isso, deve-se caracterizar primeiro um *Indicador da Qualidade das Condições para Viver*.

A qualidade das condições para viver (e as possibilidades de uma boa ou má qualidade de vida relacionada a essas condições) pode ser caracterizada à luz de um conjunto de diferentes critérios: social, econômico, técnico, ambiental, político, etc. As condições em cada um dos critérios podem ser caracterizadas a partir de vários e respectivos aspectos: acesso a serviços públicos, rentabilidade de atividades, estado de recursos naturais, entre outros.

Tanto o valor numérico do indicador como a sua representação gráfica, devem **valorizar a diferença de condições entre aspectos** que caracterizam o respectivo critério, quanto **valorizar a diferença entre as condições dos critérios** que caracterizam a Qualidade de Condições para Viver.

Já se apontou que aspectos sociais e igualmente importantes A, B e C em condições equivalentes a 60% da condição desejável para o contexto caracterizam uma condição social melhor do que esses mesmos aspectos respectivamente a 50%, 60% e 70%. Por razões análogas, os critérios social, econômico e ambiental em condições equivalentes a 70% da desejável caracterizam uma Qualidade de Condições para Viver melhor do que esses mesmos critérios respectivamente a 60%, 70% e 80% daquela condição. Assim, enquanto que **a condição em cada um dos critérios** (social, econômica, ambiental...) **resultará** aqui caracterizada pelo significado **da condição de aspectos que se somam nessa caracterização**, a **Qualidade das Condições para Viver resultará do produto entre as condições daqueles critérios indissociáveis**.

O estado de cada um dos critérios e de cada um dos aspectos em cada critério sempre são passíveis de serem caracterizados por uma “nota”  $Z$ , ou seja, pelo grau de afastamento da mesma em relação à condição desejável e assimilada a unidade. Como está ilustrado na Figura 3, afastamentos da condição desejável para determinada variável são associados a valores de desvios  $\delta$  definidos como  $1-Z$ , mesmo quando essas condições somente possam ser referidas qualitativamente.

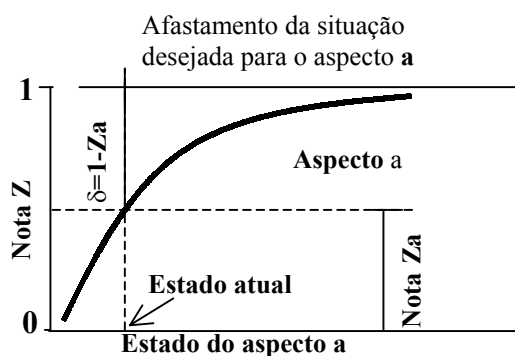


Figura 3. Nota  $Z_a$  e desvio  $\delta$  definidos pelo estado de um aspecto de caracterização da condição em uma das dimensões que definem a qualidade das condições para viver.

Na Figura 3 já está apontado um vínculo possível entre produtos das funções nota  $Z=f(\text{estados de aspectos})$  e o valor sempre contido no intervalo  $[0, 1]$  e no qual convém poder expressar o IQCV. O valor do **IQCV tenderá à unidade** (valor máximo) quando **todos os aspectos de cada um dos critérios** social, econômico e ambiental apresentarem-se em **condições de todo desejáveis** para o contexto. O **IQCV** evidentemente **tenderá a zero** quando **todos os aspectos** considerados relevantes apresentarem-se em **condições de todo inaceitáveis** para o contexto.

Como o pressuposto para promover uma boa *qualidade de vida* é promover o desenvolvimento nos critérios social, econômico e ambiental de maneira indissociável, o IQCV também deverá resultar sempre muito baixo quando em relação a um desses critérios o conjunto dos respectivos aspectos considerados apresentarem-se em condições inaceitáveis. Em outras palavras, enquanto que o **IQCV só poderá atingir um valor máximo mediante um suficiente e paralelo desenvolvimento no social, no ambiental e no econômico**, um **valor muito baixo para o IQCV pode ser produto das condições muito ruins presentes em um só daqueles critérios**, mesmo que haja um bom desenvolvimento em relação aos



outros. Implica que, como instrumento de avaliação, o IQCV demanda identificar separadamente o desempenho no social, no econômico e no ambiental, ainda que esse indicador deva referir-se sempre ao conjunto desses desempenhos.

Portanto, o IQCV resulta como expressão do produto entre um Indicador das Condições Sociais (ICS), de um Indicador das Condições Ambientais (ICA) e de um Indicador das Condições Econômicas (ICE), a serem derivados a partir das condições verificadas para os respectivos aspectos. Já um IQV deve resultar de um Indicador de Satisfação Social (ISS), de um Indicador de Satisfação Ambiental (ISA) e de um Indicador de Satisfação Econômica (ISE).

Os indicadores parciais ICS, ICA e ICE podem ser tomados, em última instância, como notas  $Z_D$  atribuídas às condições das dimensões social, econômica e ambiental (Figura 4). Para as condições de cada uma das dimensões é possível caracterizar um desvio  $\Delta$  correspondente ao distanciamento entre as condições verificadas e aquela condição de todo desejável para a correspondente dimensão.

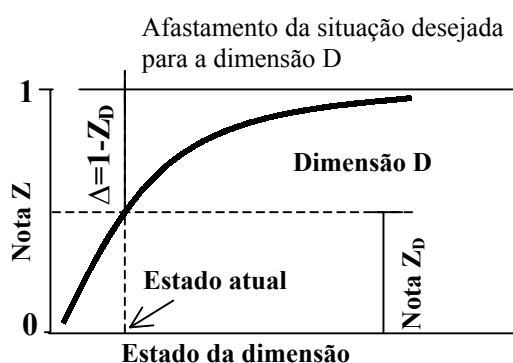


Figura 4. Nota  $Z_D$  e desvio  $\Delta$  definidos pelo estado de uma das dimensões que definem a qualidade das condições para viver.

Os desvios  $\Delta$  apontados na Figura 4, genericamente definidos como  $1-Z_D$ , correspondem a  $ICS=1-\Delta_{ICS}$ ,  $ICE=1-\Delta_{ICE}$  e  $ICA=1-\Delta_{ICA}$  para as condições de desenvolvimento no critério social, no econômico e no ambiental, respectivamente. Na forma que são definidos, os indicadores ICS, ICE e ICA também assumirão valores contidos no intervalo  $[0, 1]$ . **Enquanto cada um desses indicadores parciais será derivado a partir da sistematização de desvios  $\delta$  verificados nos diversos aspectos considerados para o respectivo critério, o IQCV será obtido pela sistematização de desvios  $\Delta$  caracterizados por aqueles indicadores.**

#### 4.2.1.4. Representação gráfica do IQCV e do IQV

Coerente com o pressuposto, a área que representa graficamente o IQCV ou o IQV deve crescer em taxa decrescente com o melhoramento das condições para se viver e com o aumento do grau de satisfação em viver aquelas condições. Assim, para três “critérios”, tem-se a representação gráfica constante na Figura 5. A escala crescente da borda para o centro do poliedro assegura as relações desejadas para as taxas de crescimento.

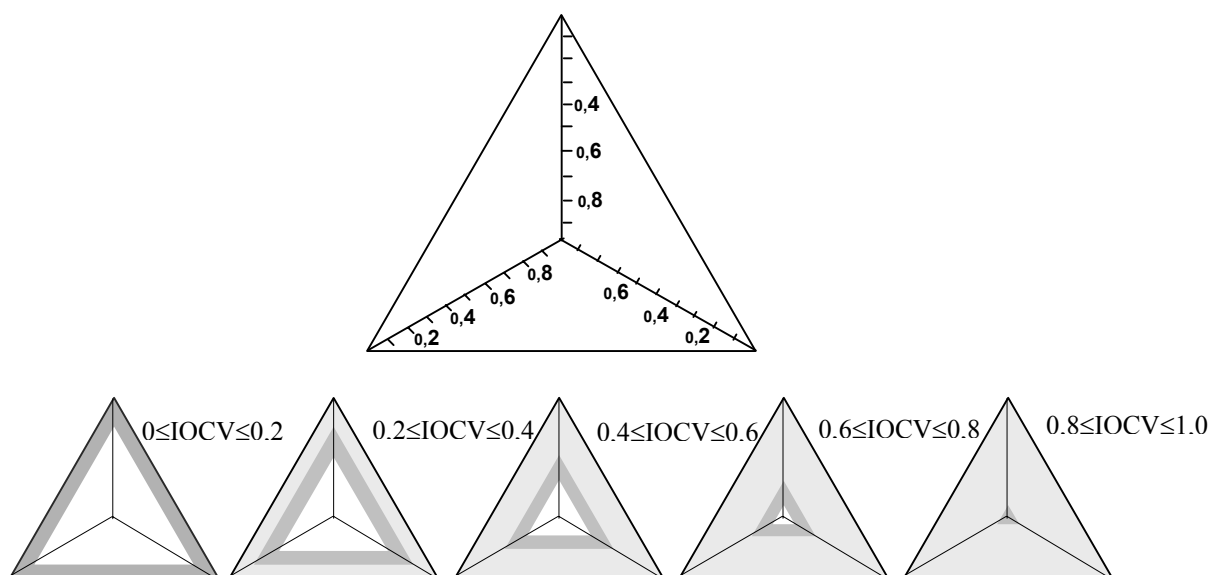


Figura 5. Representação gráfica do Indicador da Qualidade das Condições para Viver (IQCV) ou da Qualidade de Vida (IQV), a partir de três dimensões.

#### 4.2.1.5. Aplicando o Método do IQV e IQCV

Segundo D’Agostini & Fantini (2008), devem ser identificados profissionais reconhecidamente experientes, ou seja, que trabalhem e conheçam suficientemente a comunidade em questão. Isso porque eles irão descrever as condições *insustentáveis*, *sofríveis*, *regulares*, *boas e muito boas* para os diversos aspectos relevantes à caracterização da qualidade das condições para viver na comunidade.

A partir dessas descrições referenciais para os aspectos apontados, o sistema de relações proposto para inferir sobre a qualidade de condições para viver e sobre a qualidade

de vida é aplicado para as condições vividas pelas famílias rurais no local em questão. Como mostrado no Quadro 1, para cada situação avaliada é atribuída uma nota de 0 a 10.

Quadro 1. Categorias de estado de diversos aspectos das condições para viver e notas correspondentes atribuídas pelo observador.

Descrição das condições	Nota
Insustentável	1 ou 2
Sofrível	3 ou 4
Regular	4 ou 6
Boa	7 ou 8
Muito boa	9 ou 10

Esses mesmos profissionais irão enunciar indagações a partir das quais se pode perceber o grau de satisfação de agricultores com a qualidade de seu viver à luz das condições dos mesmos aspectos. As respostas agora são interpretadas como *muito insatisfeito*, *insatisfeito*, *indefinido*, *satisfeito* e *muito satisfeito* para cada um dos aspectos. Similarmente aos procedimentos apontados no Quadro 1, as respostas obtidas são novamente enquadradas em 5 categorias com 2 níveis de nota (Quadro 2).

As notas para os diversos aspectos de cada uma dos critérios são registradas em formulário correspondente ao Quadro 1. Essas notas podem então ser utilizadas para obter o valor do IQCV. As notas obtidas na forma apontada no Quadro 2 serão utilizadas na obtenção do IQV.

Quadro 2. Categorias do grau de satisfação (Qualidade de Vida) interpretada pelo observador a partir da manifestação dos agricultores em resposta a indagações formuladas por especialistas e notas correspondentes.

Manifestação interpretada	Nota
Muito insatisfeito	1 ou 2
Insatisfeito	3 ou 4
Indefinido	4 ou 6
Satisfeito	7 ou 8
Muito satisfeito	9 ou 10

De acordo com os objetivos dos autores do método, agora importa verificar a possibilidade de medir o grau de coerência entre o que caracterizaria a *qualidade das condições para viver* (IQCv), avaliada por técnicos, e as manifestações dos agricultores que denotariam a *qualidade de vida* (IQV) a partir das condições de determinados e apropriados aspectos.

#### 4.2.1.6. Avaliando o IQV e o IQCV

Avaliar com propriedade demanda objetividade. Principalmente para levar em conta a subjetividade de quem avalia. Em outras palavras, o resultado da avaliação pode ser produto de objetivas medidas, mas deve traduzir valor de estado que somente pode ser compreendido a partir de subjetivos significados.

Assim, são três as noções que orientam o método de avaliação aqui proposto:

- a) Os itens considerados na avaliação não adquirem igual significação para todos os interessados em avaliar;
- b) A avaliação daquilo que é avaliado não pode ser melhor da avaliação do item em pior estado e considerado importante por parte de quem avalia;

- c) Todos os demais aspectos considerados na avaliação afetam o resultado proporcionalmente ao seu estado e à importância a eles atribuídos.

Coerentemente com as noções orientadoras, os técnicos identificados e os moradores da comunidade devem atribuir um grau de importância ( $w$ ) de 0 a 10 a cada um dos aspectos considerados na avaliação. Os graus de importância decorrerão, evidentemente, por forças de subjetividade inerente a natureza humana e da visão dos técnicos.

Em um segundo momento, eles atribuirão uma nota (0 a 10) para cada um dos aspectos. Essa nota deverá, tanto quanto possível, referir-se ao estado do aspecto considerado, e não à importância a ele atribuída. Ou seja, *nesta fase deve prevalecer a objetividade em avaliar estados* \*.

A partir desses graus de importância e notas atribuídas a cada um dos aspectos, um algoritmo produzirá dois indicadores gerais, sendo que cada um deles terá três indicadores parciais:

a) Indicador da Qualidade de Vida (IQV)

- Indicador da Satisfação Social (ISS);
- Indicador da Satisfação Econômica (ISE);
- Indicador da Satisfação Ambiental (ISA).

b) Indicador da Qualidade das Condições para Viver (IQCV)

- Indicador da qualidade das Condições Sociais (ICS)
- Indicador da qualidade das Condições Econômicas (ICE);
- Indicador da qualidade das Condições Ambientais (ICA).

#### 4.2.2. Adaptando o indicador a realidade local

Para adaptar os indicadores à realidade do Reassentamento Mariana foram realizadas algumas modificações no método proposto por D'Agostini & Fantini (2008).

---

\* Os parágrafos acima foram retirados de um estudo não publicado realizado por Fred Newton da Silva Souza e Juliana Mariano Alves.

Devido ao fato de a comunidade estar sem assistência técnica no momento, não foi possível identificar técnicos para descreverem as condições para os diferentes aspectos. Portanto, optou-se por desenvolver o indicador de forma coletiva. Assim, montou-se uma equipe de três pessoas. Com isso, buscou-se superar um “insuficiente” conhecimento da comunidade, realizando as atividades previstas de forma coletiva. Para assim, se obter resultados a partir de diferentes visões, opiniões e percepções, uma vez que a equipe era composta por uma Engenheira Ambiental, uma estudante de Agronomia e uma de Engenharia de Alimentos.

As decisões referentes aos critérios e aspectos relevantes, assim como a construção do questionário foram tomadas mediante conversas. Nessas conversas, eram discutidas as opiniões e percepções de cada membro da equipe até se chegar a um consenso. Com isso, os resultados são provenientes do conjunto de percepções dos membros da equipe. Portanto, as três componentes realizaram as visitas à comunidade e às propriedades identificando os critérios e aspectos a serem abordados; construíram e aplicaram o questionário.

#### **4.2.2.1. Conhecendo a comunidade, as pessoas e as relações**

Para identificar adequadamente os aspectos e critérios dos quais os indicadores (IQV e IQCV) serão derivados, torna-se necessário conhecer a comunidade, as pessoas e as relações que estabelecem entre si e com o meio. Com isso foram realizadas cerca de 10 visitas à comunidades e em algumas propriedades.

Durante as visitas à comunidade buscou-se conversar com os moradores no centro comunitário, pois o intuito era tomar conhecimento dos acontecimentos e características do coletivo, da comunidade em geral. Assim, as informações recolhidas foram provenientes de conversas, nas quais diferentes moradores expuseram opiniões, desejos e frustrações a respeito das condições e da qualidade de vida existentes no reassentamento.

Nas visitas às propriedades buscou-se informações pontuais da família e de sua propriedade. Para tanto, as conversas foram realizadas durante caminhadas pela propriedade. Com isso, foi possível conhecer as características das propriedades: produção, produtos e modo de produzir; impactos das atividades no meio; condições da moradia e arredores; destino do lixo; entre outros. Mas também se pôde conhecer as relações familiares, a história de vida, os medos e anseios dos moradores visitados.

Assim, foi possível identificar alguns dos assuntos mais relevantes para os moradores, uma vez que se conviveu com as pessoas, conhecendo suas propriedades e a comunidade de uma forma geral.

Contudo, para se entender melhor a realidade das pessoas e da comunidade se realizou conversas com técnicos e estagiários que desenvolvem projetos no reassentamento. Estes profissionais disponibilizaram informações importantes a respeito das relações sociais, atividades econômicas e características ambientais da comunidade.

A partir disso, tornou-se mais fácil determinar quais seriam os critérios e aspectos com maior relevância para a comunidade em estudo e que, portanto poderiam compor o questionário.

#### **4.2.2.2. Construindo o questionário**

Depois da determinação dos critérios e de seus consecutivos aspectos foi possível organizar o questionário. E para facilitar o manuseio e a aplicação do questionário, optou-se por estruturá-lo de uma forma simples (Tabela 1).

Tabela 1. Estrutura do questionário

Aspecto(técnico)	Nota (1 a 10)	Indagação(agricultor)	Nota (1 a 10)

Com isso, o questionário apresenta o aspecto a ser perguntado ao técnico e a indagação a ser feita ao morador juntos, sendo utilizada uma tabela a parte para registrar as notas de cada família e técnico a serem entrevistados.

Por outro lado, a descrição das condições de cada aspecto e indagação foi substituída por uma descrição geral, ou seja, se definiu descrições que se adequassem a todos os aspectos e indagações (Tabela 2).

Tabela 2. Descrição geral dos aspectos que caracterizam a Qualidade de Vida e Qualidade das Condições para viver.

Descrição dos aspectos que revelam as condições disponíveis para se viver (técnico) Manifestações sobre o aspecto abordado que revelam o grau de satisfação dos indivíduos (agricultor)									
Insustentável Muito Insatisfeito		Ruim* Insatisfeito		Regular Indefinido/Indiferente		Boa Satisfeito		Boa/Ótima Muito Satisfeito	
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

\*Termo utilizado para substituir a expressão sofrível.

#### 4.2.2.3. Aplicando o indicador

O IQCV e o IQV são derivados a partir de avaliações de diferentes olhares sobre os mesmos aspectos. Neste caso, a partir da visão objetiva do técnico e da percepção subjetiva dos moradores. Com isso, o questionário foi aplicado primeiramente com os moradores e, posteriormente com os técnicos.

##### 4.2.2.3.1. Aplicando o método junto a moradores

O questionário foi aplicado para nove famílias (Tabela 3), pois se priorizou os moradores mais antigos e mais comprometidos nos projetos desenvolvidos na comunidade.

O questionário foi aplicado em forma de conversa, na qual a indagação era feita ao entrevistado que comentava os aspectos abordados. Com isso, a equipe tentava perceber o que o morador queria dizer, ou melhor, qual era sua percepção sobre o assunto. Assim, a nota era dada de acordo com a percepção das entrevistadoras a cerca da percepção do entrevistado. A nota foi dada individualmente, sendo que cada uma das entrevistadoras registrou sua nota segundo suas percepções a respeito das manifestações dos entrevistados. Isso porque se faria uma média das três notas para se garantir uma homogeneidade, na qual não se levasse em consideração apenas uma percepção, mas o conjunto delas enriquecendo o resultado.



Tabela 3. Famílias entrevistadas

<b>FAMÍLIAS</b>	<b>NOME DO ENTREVISTADO</b>	<b>Nº pessoas/família</b>
Família 1.	Miriam Corrêa Lima	5
Família 2.	Sergio Elias de Araújo	4
Família 3.	Cláudia Rodrigues dos Santos	8
Família 4.	Adeilma Pedra Lourenço dos Santos	3
Família 5.	Cirino Machado de Oliveira	2
Família 6.	Francisco Rodrigues da Silva	5
Família 7.	Manoel Nogueira dos Santos	7
Família 8.	Maria Aparecida Afonso Rodrigues	2
Família 9.	Raimunda Alves Batista	12

#### 4.2.2.3.2. Aplicando o método junto a técnicos

O questionário foi aplicado com cinco técnicos (Tabela 4), dentre eles a própria equipe e mais dois técnicos que trabalham no reassentamento há quatro anos.

O questionário foi aplicado da mesma forma com as famílias e os técnicos, na qual através de conversa se registrou as notas a partir das percepções das entrevistadoras sobre as manifestações dos técnicos entrevistados a respeito de cada aspecto.

Tabela 4. Técnicos entrevistados

<b>TÉCNICOS</b>	<b>NOME DO ENTREVISTADO/IDADE</b>	<b>PROFISSÃO</b>
Técnico 1.	Patrícia Cottica Magro	Estudante Eng. <sup>a</sup> de Alimentos
Técnico 2.	Jane Kelly Marinho Lima	Engenheira Ambiental
Técnico 3.	Andrea Ferreira Hoffmann	Estudante de Agronomia
Técnico 4.	Juliana Mariano Alves	Engenheira Ambiental
Técnico 5.	Fred Newton	Engenheiro Agrônomo

## **5. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **5.1. Da aplicação do IQV e IQCV no Reassentamento Mariana**

#### **5.1.1. Conhecendo a comunidade, as pessoas e as relações**

Através das visitas realizadas à comunidade e às propriedades foi possível observar que muitas coisas mudaram no Reassentamento Mariana nos últimos anos.

Constatou-se que dois fatores foram importantes para essa mudança, sendo um diretamente ligado à comunidade e o outro às propriedades. O primeiro caracteriza-se pela implementação das ações previstas nos Projetos dos Programas Petrobras Ambiental e Fome Zero, desenvolvidos pela Fundação Universidade do Tocantins (UNITINS). O segundo fator é caracterizado pela adequação dos sistemas produtivos e das culturas ao clima e solo existentes no território do Reassentamento Mariana.

Com relação aos projetos, a comunidade ganhou muito em infra-estrutura produtiva e capacitações aos moradores, além de novas possibilidades de renda. As ações do projeto visaram fortalecer as atividades já desenvolvidas na comunidade, assim como a apicultura e os trabalhos com o viveiro de mudas, e também gerar novas alternativas de renda para os moradores. Para tanto, o Projeto Petrobras Fome Zero financiou a construção de uma unidade de processamento de mel (Casa do Mel) e uma unidade de processamento de frutas (ANEXO B), a ampliação da estrutura do viveiro de mudas, além de implantar um aviário para corte e postura na comunidade (ANEXO D).

Adequação dos sistemas produtivos à realidade do Reassentamento Mariana foi basicamente a mudança de atividade produtiva, na qual a olericultura teve que ser abandonada devido às condições desfavoráveis do clima e do solo. Isso porque durante o período de chuva muitas propriedades ficam com o solo encharcado, inviabilizando o cultivo de hortaliças. Assim, durante esse período os agricultores não conseguiam produzir. Logo, a atividade perdeu seu espaço no mercado devido à sazonalidade. Portanto, o perfil agrícola do reassentamento foi modificado consideravelmente,

no qual os Sistemas Agroflorestais tornaram-se uma nova e promissora fonte de renda para as famílias.

#### **5.1.1.1. Sobre os Projetos Desenvolvidos na Comunidade do Reassentamento Mariana**

##### **5.1.1.1.1. Programa Petrobras Ambiental - Projeto Sub-Bacia São João**

Através do Programa Petrobras Ambiental - Projeto Sub-Bacia São João, tem-se no Reassentamento Mariana o Projeto *Conservação e preservação de recursos naturais na Sub-Bacia do Ribeirão São João: uma proposta de participação comunitária no processo de gestão ambiental*. O programa pretende avaliar o desempenho ambiental em relações humano-meio que afetam a disponibilidade de água. O objetivo é desenvolver e apoiar iniciativas de construção e valorização da consciência sobre o uso responsável da água. Assim várias ações foram implementadas para se alcançar os objetivos do projeto: análise da qualidade da água; levantamento de bio-indicadores; estudos florísticos e fitossociológicos; estruturação de banco de dados; realização de cursos de capacitação de agricultores; palestras e oficinas; saneamento básico.

##### **5.1.1.1.2. Programa Petrobras Fome Zero- Projeto PIPA**

O *Projeto de Produção Integrada Participativa e Agroecológica da Sub-Bacia do Ribeirão São João* (PIPA) financiado pelo Programa Petrobras Fome Zero tem período de vigência de 23 de fevereiro de 2006 a 23 de setembro de 2008.

O objetivo do Projeto PIPA é apoiar e fomentar melhorias nas condições para se viver, a partir da promoção de iniciativas de geração de renda, baseadas em alternativas de manejo agroecológico e de beneficiamento da produção. No entanto, o projeto prevê que as melhorias nas condições para se viver não podem ter um fim em si mesmo. Com isso, objetivo final é a melhoria na qualidade de vida, ou seja, na satisfação em viver em determinadas condições que podem ser promovidas.

### 5.1.1.2. Da Construção do questionário

Após se conhecer a comunidade, as pessoas e as relações que se estabelecem entre elas e o meio foram identificados os critérios e os consecutivos aspectos dos quais os indicadores serão derivados (Tabela 5, 6 e 7). Através das visitas realizadas na comunidade e nas propriedades a equipe determinou que se trabalharia três critérios, sendo que cada um seria composto por 15 aspectos diretamente relacionados a ele. Com isso, se trabalhou no questionário o Critério Social, Critério Econômico e Critério Ambiental.

Com relação à descrição geral das condições dos aspectos e indagações definiu-se descrições que representassem as condições referentes a todos os aspectos e indagações da melhor forma (Tabela 8). Justamente por ser geral a descrição foi a mesma para aspecto e indagação. Portanto, as descrições dos aspectos e indagações eram compatíveis, sendo que na Tabela 2 tem-se juntas as expressões: *Insustentável* e *Muito Insatisfeito*; *Ruim* e *Insatisfeito*; *Regular* e *Indefinido/Indiferente*; *Boa* e *Satisfeito*; *Boa/Ótima* e *Muito Satisfeito*, que designam respectivamente, aspecto e indagação. E para simplificar os termos utilizados nessa tabela, optou-se por substituir a expressão *sofrível*, utilizado pelos autores do método para designar a nota 3 e 4 dos aspectos, pela palavra *ruim*.

Tabela 5. Critério Social e os aspectos abordados no questionário aplicado com as famílias e técnicos.

<b>1. CRITÉRIO: SOCIAL</b>			
<b>Aspecto(técnico)</b>	<b>Nota</b>	<b>Indagação(agricultor)</b>	<b>Nota</b>
1.1. Valorização da mulher e reconhecimento pelos trabalhos e atividades exercidos.		A mulher é valorizada como pessoa, sendo reconhecida pelos trabalhos e atividades realizados?	
1.2. Autonomia, liberdade de expressão e poder de decisão da mulher sobre a renda obtida.		A mulher pode dar sua opinião, falar o que pensa, fazer o que deseja, ir aos lugares que quiser, assim como ajudar a decidir onde e como será aplicado ou gasto o dinheiro?	
1.3. Trabalho da mulher na propriedade e sua participação e atuação nos projetos da comunidade.		A mulher ajuda nos trabalhos e atividades da propriedade e dos projetos da comunidade?	
1.4. Disponibilidade de mão-de-obra na comunidade.		Existem pessoas, da família ou para contratar, para trabalharem nas propriedades e nos projetos comunitários?	
1.5. Existência de mão-de-obra especializada na comunidade e/ou a disposição da comunidade.		Há pessoas da comunidade capacitadas para desenvolver as atividades e/ou pessoas de fora que possam ajudar?	
1.6. Divisão das tarefas dos projetos comunitários, motivação e comprometimento dos participantes na realização e desenvolvimento.		Existe divisão de tarefas dos projetos da comunidade? Os participantes são comprometidos com a realização dos trabalhos e desenvolvimento dos projetos?	
1.7. Segurança alimentar e regularidade na produção de auto-consumo		Os alimentos produzidos na sua propriedade são suficientes para manter a família durante o ano? A quantidade varia muito na época de seca e chuva?	
1.8. Quantidade de alimentos provenientes de outras propriedades e/ou centros comerciais (mercados, lojas, etc.).		Na sua casa se compra ou troca muitos alimentos com outras propriedades e/ou mercados?	
1.9. Condições das estradas e meios de transporte para o desenvolvimento econômico, ambiental e social da comunidade?		As estradas e os veículos utilizados possibilitam o crescimento da renda, do desempenho ambiental e das pessoas da comunidade?	
1.10. Disponibilidade de meios de transporte coletivos		Existem veículos disponíveis para o transporte das pessoas da comunidade à cidade?	
1.11. Fontes de lazer coletivo na comunidade e/ou acessíveis às pessoas da comunidade		Existem atividades de lazer e recreação na comunidade e/ou em locais próximos?	
1.12. Assistência técnica disponível para as atividades comunitárias e individuais.		Existem pessoas e/ou empresas para auxiliar e tirar dúvidas na implantação e desenvolvimento das atividades?	
1.13. Frequência de ocorrência de oficinas e cursos de capacitação para a comunidade e utilidade dos temas abordados.		Acontecem oficinas, cursos de capacitação na comunidade? As coisas ensinadas são utilizadas no desenvolvimento dos trabalhos?	
1.14. Investimento e apoio externo na infra-estrutura produtiva e comunitária		Houve melhoria nas instalações, equipamentos e técnicas produtivas da comunidade?	
1.15. Impacto dos projetos na vida dos moradores e desenvolvimento da comunidade		Os projetos ajudam a melhorar a vida dos moradores e as condições da comunidade?	

Tabela 6. Critério Econômico e os aspectos abordados no questionário aplicado com as famílias e técnicos.

<b>2. CRITÉRIO: ECONÔMICO</b>			
<b>Aspecto(técnico)</b>	<b>Nota</b>	<b>Indagação(agricultor)</b>	<b>Nota</b>
2.1. Produção e produtividade no período de chuva		Na sua propriedade é possível produzir e ter uma boa produtividade no período de chuva?	
2.2. Quantidade e a qualidade da produção no período de seca		A falta de água afeta a quantidade e a qualidade dos produtos cultivados na seca?	
2.3. Sistema de irrigação na propriedade		Na sua propriedade existe sistema de irrigação para molhar a produção no período de seca?	
2.4. Viveiro de mudas e Sistemas Agroflorestais		Com a infra-estrutura do viveiro é possível produzir mudas para todos os moradores que desenvolvem o SAF?	
2.5. Viabilidade técnica e econômica dos SAFs		Há conhecimento e técnica para gerar renda com SAF?	
2.6. Instalações e equipamentos para o processamento dos produtos		As instalações e os equipamentos existentes são suficientes para o processamento dos produtos?	
2.7. Quantidade e qualidade da matéria-prima para processamento		Haverá quantidade suficiente de frutas e mel e qualidade adequada para o processamento?	
2.8. Disponibilidade e qualidade da água para o processamento		A quantidade de água é suficiente para o processamento e a qualidade é boa?	
2.9. Condições básicas de higiene dos manipuladores e instalações durante o processamento		Em sua opinião, as pessoas irão cumprir as normas de higiene (instalações, uniforme, higiene pessoal, etc.) no processamento?	
2.10. Boas práticas de fabricação e qualidade final dos produtos		Em sua opinião, ter boas práticas na fabricação contribui para ter produtos de boa qualidade?	
2.11. Existência de certificação para os produtos processados e facilidade de venda		A certificação dos produtos garante qualidade ao consumidor e facilita as vendas?	
2.12. Mercado consumidor para os produtos processados		A comunidade já tem onde e/ou para quem vender os produtos da agroindústria e casa do mel?	
2.13. Renda agrícola e estabilidade financeira proveniente das atividades agropecuárias		A venda dos produtos agropecuários gera uma boa renda, gerando condições confortáveis a sua família durante o ano?	
2.14. Renda proveniente de fontes alternativas		A renda proveniente de fontes não-agrícolas é importante para a manutenção da casa?	
2.15. Capital fixo da propriedade para a execução das atividades de interesse		A estrutura existente em sua propriedade permite o desenvolver as atividades de interesse?	

Tabela 7. Critério Ambiental e os aspectos abordados no questionário aplicado com as famílias e técnicos.

<b>3. CRITÉRIO: AMBIENTAL</b>			
<b>Aspecto(técnico)</b>	<b>Nota</b>	<b>Indagação(agricultor)</b>	<b>Nota</b>
3.1. Conforto gerado pelas condições de moradia às famílias da comunidade		As condições de moradia da sua casa proporcionam conforto a sua família?	
3.2. Serviço de abastecimento de água e energia elétrica nas casas da comunidade		O(a) Sr./Sra. está satisfeito(a) com os sistemas de abastecimento de água e energia elétrica existentes na comunidade?	
3.3. Acesso a meios de comunicação nas casas da comunidade		As pessoas da comunidade têm acesso ao telefone, televisão, rádio, jornais e revistas em suas casas?	
3.4. Qualidade da água para o consumo dos moradores da comunidade		O(a) Sr./Sra. está satisfeito(a) com a qualidade da água que se bebe em sua casa?	
3.5. Quantidade de água disponível na fonte de captação		A quantidade de água existente na fonte é suficiente para abastecer todas as casas?	
3.6. Quantidade de água disponível para atividades agrícolas em períodos de seca		Em períodos de seca falta água para as atividades agrícolas da comunidade e/ou da propriedade?	
3.7. Regularidade no abastecimento de água para a comunidade		A quantidade de água disponível para a comunidade varia muito durante o ano?	
3.8. Degradação do meio por processos agrícolas		As atividades agrícolas desenvolvidas na sua comunidade agridem o meio?	
3.9. Assoreamento e contaminação da água do córrego São Joãozinho		Há acúmulo de areia, solo, matéria orgânica no córrego e contaminação da água do São Joãozinho?	
3.10. Preservação da diversidade biológica da comunidade e arredores		Na sua comunidade as pessoas se preocupam com a vida dos muitos animais e as plantas?	
3.11. Destino do lixo produzido na comunidade		O(a) Sr./Sra. concorda com o que é feito com o lixo produzido na comunidade?	
3.12. Compostagem e aproveitamento dos resíduos orgânicos		As pessoas da comunidade fazem composto e/ou utilizam o lixo orgânico para alimentar animais ou adubar plantas?	
3.13. Instalações sanitárias e destino dos dejetos humanos		Na sua casa existe banheiro e fossa séptica para os dejetos?	
3.14. Gestão de resíduos agrícolas		Existe ou existirá tratamento para o lixo e os outros resíduos sólidos e líquidos gerados nas atividades agrícolas?	
3.15. Uso responsável e conservacionista dos recursos naturais		Os recursos naturais (água, solo, fauna e flora, etc.) são utilizados de forma responsável visando sua conservação?	

Tabela 8. Descrição geral das condições dos aspectos e indagações que revelam as condições disponíveis para se viver e o grau de satisfação dos moradores.

<b>Descrição dos aspectos que revelam as condições disponíveis para se viver (técnico)</b>									
<b>Manifestações sobre o aspecto abordado que revelam o grau de satisfação dos moradores (agricultor)</b>									
<b>Insustentável Muito Insatisfeito</b>		<b>Ruim Insatisfeito</b>		<b>Regular Indefinido/Indiferente</b>		<b>Boa Satisfeito</b>		<b>Boa/Ótima Muito Satisfeito</b>	
Quando o técnico/agricultor citar somente coisas negativas, ruins, sem se referir a nada que seja positivo, bom, agradável. Apenas criticar e mostrar-se infeliz com tal situação.		Quando o técnico/agricultor destaca pontos negativos dando ênfase sempre as coisas ruins, mas fala sobre algumas coisas boas em algum momento.		Quando o técnico/agricultor mostrar-se apático, ou seja, a situação não está boa, mas também não está ruim.		Quando o técnico/agricultor destaca pontos positivos dando ênfase sempre as coisas boas, mas fala sobre algumas coisas ruins em algum momento.		Quando o técnico/agricultor citar somente coisas positivas, boas, sem se referir a nada que seja negativo, ruim, desagradável. Apenas elogiar e mostrar-se feliz com tal situação.	
<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>10</b>



## 5.2. Da síntese dos Resultados obtidos

O conjunto de notas dos técnicos (ANEXOS E, F, G) e moradores (ANEXOS H, I, J) foi organizado e sistematizado em planilhas, nas quais foram feitas as médias das três notas para cada família e técnico entrevistados. As médias e o grau de importância de cada aspecto foram utilizados no aplicativo especialmente desenvolvido para obter os indicadores parciais (ISS, ISE, ISA, ICS, ICE, ICA) e, conseqüentemente, o IQV e o IQCV.

### 5.2.1. Analisando o IQV e o IQCV

Segundo o método utilizado, o valor do IQV e do IQCV varia dentro do intervalo [0, 1], sendo que o **IQV** e o **IQCV** se aproximarão do valor máximo **1** somente se **todos os aspectos** apresentarem **condições de todo desejáveis**; e se **aproximarão do valor mínimo zero** se **todos os aspectos** apresentarem **condições de todo inaceitáveis**.

Como demonstra a Tabela 9, o valor do **IQV** foi de **0,23** e do **IQCV** **0,16**. Portanto, o **IQV** e o **IQCV** apresentaram, respectivamente, um desvio de **0,77** e de **0,84** da condição desejada, caracterizando assim valores muito baixos.

Contudo, não se pode dizer que a Qualidade de Vida e que a Qualidade das Condições para viver no Reassentamento Mariana são de todo ruim, pois os valores do IQV e IQCV muito baixos são provenientes de aspectos considerados importantes apresentarem notas muito baixas. Percebe-se na Tabela 10 que se têm aspectos com notas muito baixas (1,5; 1,6; 1,9; 2,7; entre outras) que apresentam elevada importância. Tal fato proporciona uma queda no valor do IQV e IQCV, uma vez que todos os aspectos considerados afetam o resultado proporcionalmente ao seu estado e a sua importância. Com isso, os indicadores serão sempre muito baixos mesmo quando apenas alguns destes aspectos considerados muito importantes apresentarem condições muito ruins. Portanto, o IQV e IQCV só poderão atingir um valor máximo mediante um desenvolvimento suficiente e paralelo em todos os aspectos do social, do econômico e do ambiental.

Por outro lado, ao se comparar o valor do IQV com o do IQCV, tem-se que os moradores encontram-se mais satisfeitos com as condições que possuem para viver, uma vez que os técnicos as caracterizam de forma mais negativa. Isso porque o IQV é proveniente das manifestações (mais subjetivas) dos moradores da comunidade sobre sua satisfação em viver as condições existentes e o IQCV da visão (mais objetiva) dos técnicos a cerca das condições de vida disponíveis na mesma comunidade.

No entanto, ao se analisar os indicadores parciais (ISS, ISE, ISA, ICS, ICE, ICA), apresentados também na Tabela 10, pode-se perceber que existe certa compatibilidade entre eles. No caso do Indicador Social, ISS e ICS apresentaram valor 0,11; no Indicador Econômico o valor encontrado teve uma pequena diferença, sendo 0,38 para o ISE e 0,36 para o ICE; no Indicador Ambiental a diferença se acentuou sendo o valor do ISA igual a 0,28 e o do ICA a 0,11.

Tabela 9. Indicador da Qualidade de Vida e Indicador da Qualidade das condições para Viver

Qualidade de Vida		Qualidade das Condições para Viver	
ISS	0,11	ICS	0,11
ISE	0,38	ICE	0,36
ISA	0,28	ICA	0,11
<b>IQV</b>	<b>0,23</b>	<b>IQCV</b>	<b>0,16</b>

De qualquer forma, é importante analisar os valores referentes aos aspectos dos critérios abordados para cada um dos indicadores parciais (Tabela 10). Isso porque ao se observar a Tabela 10 nota-se que no Critério Social três aspectos apresentaram diferença superior a 2,5 nas notas do ISS e do ICS, sendo os desvios de 4,0, 3,6 e 2,6. Portanto, apesar de o valor final ser exatamente igual neste indicador tem-se aspectos que apresentam valores bem diferenciados, apontando que a forma como moradores e técnicos percebem e avaliam os aspectos não é tão semelhante como o valor do ISS e do ICS.

Com relação ao Critério Econômico, tem-se quatro aspectos com desvios de 3,0, 2,9, 3,3 e 3,1 nas notas do ISE e do ICE. Contudo, apesar destes valores apresentarem uma diferença muito pequena, os desvios acima de 2,5 em quatro dos aspectos demonstram que existe sim uma diferença entre a percepção dos moradores e a visão dos técnicos nesse critério.

O Indicador Ambiental foi o que apresentou a maior diferença entre os indicadores parciais ISA e ICA. No entanto, o Critério Ambiental apresenta apenas dois aspectos com desvio superior a 2,5 entre as notas do ISA e ICA, sendo estes 3,7 e 2,9.

Tabela 10. Indicadores parciais da Satisfação e da Condição Social, Econômica e Ambiental

Aspecto	CRITÉRIO SOCIAL				CRITÉRIO ECONÔMICO				CRITÉRIO AMBIENTAL			
	w	ISS	ICS	Desvio	w	ISE	ICE	Desvio	w	ISA	ICA	Desvio
		Nota	Nota			Nota	Nota			Nota	Nota	
1	10	5,9	1,9	4,0	10	6,5	5,3	1,3	10	7,1	8,0	-0,9
2	10	6,3	2,7	3,6	10	6,6	7,3	-0,7	10	5,0	8,6	-3,7
3	10	8,0	7,1	0,9	10	6,6	4,6	2,0	8	6,6	7,3	-0,8
4	10	7,3	5,5	1,8	7	8,7	8,9	-0,1	10	9,3	8,2	1,1
5	8	7,7	6,4	1,3	10	7,6	8,2	-0,6	10	7,6	6,9	0,7
6	10	7,3	5,2	2,1	10	7,0	9,5	-2,4	10	6,6	7,6	-1,0
7	10	4,7	5,5	-0,8	10	6,6	8,0	-1,4	9	4,7	5,2	-0,5
8	8	3,8	4,3	-0,5	10	5,1	6,9	-1,8	10	7,1	4,7	2,3
9	10	1,6	2,9	-1,3	10	8,4	5,4	3,0	10	4,5	3,8	0,7
10	9	7,0	6,6	0,4	10	9,3	6,4	2,9	10	7,5	6,8	0,7
11	8	5,1	5,1	0,0	10	9,5	8,6	1,0	10	3,9	1,5	2,3
12	10	2,7	5,3	-2,6	10	5,6	8,9	-3,3	9	7,1	7,3	-0,3
13	8	8,1	8,4	-0,3	10	5,0	6,2	-1,2	10	7,3	7,3	-0,1
14	10	7,8	9,4	-1,6	8	6,1	9,2	-3,1	5	8,4	7,7	0,7
15	10	8,5	8,3	0,1	10	6,0	7,6	-1,5	10	8,1	5,2	2,9

Analisando-se os indicadores parciais pode-se dizer que os olhares dos moradores e dos técnicos, dos quais são derivados os indicadores, se afastam consideravelmente em determinados momentos. Assim, em alguns aspectos as notas dos indicadores parciais apresentam um grande desvio, e em outros, tais valores são muito próximos e até iguais. Isso porque enquanto os moradores mostram satisfação com determinado aspecto, condicionando notas mais altas, os técnicos apontam que o mesmo aspecto não apresenta uma boa condição, propiciando notas mais baixas, e vice-versa.

Com isso, os valores do IQV (0,23) e IQCV (0,16) ficaram muito próximos. Isso se deve, essencialmente, ao fato de a equipe que elaborou o questionário e aplicou com os moradores, estava também entre os técnicos que foram entrevistados. Assim, as respostas dos membros da equipe foram fortemente influenciadas pelas manifestações dos moradores, mas

sem deixar de ter a visão técnica sobre as situações. Pode-se dizer que as percepções das três componentes, que originaram tais notas, foram baseadas nas percepções dos moradores sobre as condições disponíveis para viver na comunidade. Também devido a este fato, se assumiu os mesmos valores de importância ( $w$ ) para a os aspectos referentes aos indicadores parciais do IQV e do IQCV. Assim, os valores foram definidos pelos membros da equipe, porém muito a partir das manifestações de moradores sobre as condições disponíveis para se viver no reassentamento e de sua satisfação em vivê-las. Portanto, os valores de importância iguais para os aspectos do IQV e IQCV também contribuíram para a semelhança de resultado entre tais indicadores. Talvez se os valores de  $w$  fossem diferenciados, se acentuariam as diferenças nos resultados dos indicadores parciais e gerais.

Outro ponto que se deve analisar são os valores de importância dados pela equipe aos aspectos abordados. Isso porque, muitas vezes, pode ter se supervalorizado um aspecto que na verdade pode não apresentar tanta relevância assim na melhoria da qualidade de vida dos moradores. Assim, com se considerou muitos aspectos, que talvez nem sejam importantes de fato nesse contexto, com valores de importância elevados, se produziu um IQV e um IQCV realmente muito baixos. Isso porque a possibilidade da combinação nota baixa em aspecto de elevada importância foi muito grande, uma vez que para a grande maioria dos aspectos se assumiu valores de  $w$  máximos. Portanto se fossem revistos tais valores de importância, os resultados finais dos indicadores se revelariam levemente melhores.

Entretanto cabe ressaltar que no método IQV e IQCV se valoriza muito aspectos importantes com notas baixas justamente para se chamar atenção de que algo não está bem na comunidade estudada. Isso porque se mesmo tendo aspectos importantes com notas baixas se obtivesse indicadores com bons resultados, provavelmente não haveria uma preocupação em melhorar as condições destes aspectos, uma vez que a Qualidade de Vida e a Qualidade das Condições para viver parecem satisfatórias nessa comunidade. Nota-se, assim, a importância desse método não permitir que a avaliação do IQV e IQCV seja melhor do que a avaliação do aspecto considerado importante por quem avalia, em pior estado (ou pior nota). Ele permite, então, que se faça uma real avaliação dos estados dos aspectos relevantes à Qualidade de Vida dos moradores da comunidade, sem ocultar possíveis condições ruins e, ao mesmo tempo, sem supervalorizar possíveis condições boas. Conhecendo a situação real da comunidade torna-se mais fácil promover melhorias nas condições do viver e se propiciar satisfação aos que vivem tais condições.

### 5.3. Da objetividade da Visão à Subjetividade da Percepção

Se “objetividade absoluta não existe” e a “subjetividade não é plena”, então, provavelmente não haja essa distinção inexorável entre visão objetiva e percepção subjetiva. Simplesmente porque, como diz o professor Sandro Schlindwein, “*não posso oferecer explicações a respeito do mundo sem que eu seja necessariamente parte desta explicação*”.

Portanto, não existe uma visão puramente objetiva, uma vez que *a busca da realidade sobre um determinado problema pressupõe interesse*. Logo, a subjetividade faz parte desse processo, sendo então uma condição para a objetividade (Sponholz, 2003). Por outro lado, não há também uma exclusiva percepção subjetiva, pois existem *componentes objetivos no meio e na vida das pessoas que influenciam [diretamente] essa percepção* (Meeberg, 1993; Paschoal, 2001 apud Kluthcovsky & Takayanagui, 2007). Com isso, o que existe de fato é uma (inter)relação absoluta entre objetividade e subjetividade que possibilita se ter uma objetiva percepção sobre uma visão subjetiva, ou seja, um olhar objetivo permeado de subjetivas intenções e um perceber subjetivo mesclado à objetiva precisão.

De qualquer forma, acredito ser sim possível expressar de maneira objetiva a diferença da visão mais objetiva de técnicos e da percepção mais subjetiva de moradores de comunidades rurais. Isso porque técnicos são condicionados pela suposta objetividade científica, enquanto moradores de comunidades rurais relacionam entre si e com o restante do mundo fortemente a partir de subjetividade intrínseca à natureza humana. Assim, a visão objetiva prevalece em técnicos e a percepção subjetiva em moradores de comunidades rurais.

A partir do que se pressupõe e já se expôs, pode-se explicar o porquê de o técnico ter essa tendência de olhar, fundamentalmente, para as condições existentes na comunidade (infra-estrutura e tecnologia produtiva, moradia, meios de transporte, entre outras) ao avaliar a qualidade de vida dos moradores. Explica também porque o grau de satisfação desses moradores, muitas vezes, independe dessas objetivas condições.

Para alguns autores, como já se viu ao longo do texto, a objetividade conduziria a um conhecimento objetivo, seria a porção racional da realidade, um saber sobre o objeto. A subjetividade não poderia então ser entendida como uma formação de saber ou de poder. Mas para outros, a “*subjetivação é uma operação artística, ética e estética, é a produção dos modos de existência a partir da relação da força consigo mesma*” (Foucault apud Carvalho,

2006). E é apenas dessa relação que nasce um certo conhecimento. Não é somente um acumular informações objetivas, mas um envolver-se criticamente com elas.

Para alguns, com objetividade se reconhece o objeto como ele é de fato. Devido a isso o técnico apenas caracteriza de forma objetiva as condições disponíveis para viver na comunidade e acaba ocultando importantes aspectos subjetivos, como a satisfação dos moradores em viver nestas ou aquelas condições.

Já subjetividade não seria algo definido, não seria nada que se possa tocar com as mãos. Mas é possível se relacionar com ela. Isso porque ela está na interface e é *permanentemente constituinte e constituída* (Molon, 2000). Talvez por essa razão a satisfação de moradores de comunidades rurais em viver certas condições esteja mais ligada ao significado de relações, aos sentimentos e às percepções do que à infra-estrutura e tecnologias disponíveis.

Neste caso, pode-se dizer que qualidade de vida emerge da satisfação em viver condições, e não necessariamente da qualidade das condições existentes. Principalmente se considerarmos que é mais fácil elevar o nível de satisfação coletiva ao se promover melhorias na *qualidade das condições para viver* daqueles que têm muito pouco. Pois como pressupõe o método, o nível de Qualidade de Vida cresce em taxa decrescente quando em decorrência da melhoria da Qualidade das Condições para se Viver (D'Agostini & Fantini, 2008).

Assim, percebe-se que quanto mais se promove melhorias na qualidade das condições de se viver de uma comunidade, menos a qualidade de vida dos moradores será dependente de melhorias adicionais destas condições. Isso porque a satisfação estará cada vez mais atrelada a aspectos subjetivos, ou seja, vale mais a percepção dos moradores sobre as condições que vivem do que as condições em si. Isso porque quando já se têm condições minimamente satisfatórias para se viver (moradia, alimentação, trabalho, etc.) os sentimentos, as aspirações, as relações sociais assumem um papel proeminente no que se refere à qualidade de vida.

Com isso nota-se que objetividade e subjetividade se relacionam na avaliação da Qualidade de Vida em dois momentos importantes: primeiramente no que diz respeito à visão e percepção; e depois na tentativa de se promover melhorias na qualidade de vida dos moradores.

O grau de interação entre a satisfação com a vida e as condições disponíveis para se viver se acentua quando se pretende melhorar a qualidade de vida através de melhorias na qualidade das condições para viver. Isso ocorre porque não basta existirem boas condições de

vida na comunidade se os moradores não se mostraram satisfeitos em viver nestas ou aquelas condições.

Portanto, aponta-se aqui a necessidade e a importância de se trabalhar objetividade aliada à subjetividade, para se promover, de fato, melhorias na qualidade de vida. Para tanto, torna-se necessário, em primeiro lugar, se aproximar da subjetividade dos moradores, para somente depois, e nesta proximidade, refletir com eles sobre os assuntos relevantes à comunidade. O pesquisador/técnico deve *se deixar “tocar” pela subjetividade do outro, permitindo que ela faça um sentido humano para ele* (Amatuzzi, 2006). E a partir disso poder ajudar os moradores a se aproximarem de seus sentimentos, para que então se possam tomar as situações referidas como tema de consideração. Isso porque a possibilidade de os moradores perceberem *sua própria experiência subjetiva condiciona a* [uma possível] *mudança*, uma vez que podem avaliar sua experiência e, assim modificá-la (Pagès, 1976 apud Amatuzzi, 2006). E é no momento da mudança que a objetividade se torna mais efetiva, pois as melhorias serão construídas a partir de objetivas caracterizações das condições existentes, e as melhorias necessárias serão realizadas sobre as objetivas condições disponíveis para se viver da comunidade, mas sempre buscando elevar o nível de satisfação dos moradores, ou melhor, promover melhorias na qualidade de vida.

Assim destaca-se que importantes modificações podem ser desencadeadas se iniciativas de extensão comunitária como esta forem adotadas. As possíveis intervenções de ordem técnica podem se mesclar às reflexões e propostas construídas pelas comunidades. Isto significa a interação e a possibilidade de troca de experiências, vivências e saberes, fundamentais para o crescimento do técnico e para a melhoria das condições de vida das comunidades rurais (Pieruccini et al., 2002).

Então, finalmente, pode-se dizer que trabalhar objetividade *integrada, imbricada, inter-relacionada* à subjetividade, também é promover satisfação com a vida a partir de Qualidade de Condições para Viver.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De qualquer forma, ao se admitir que Qualidade de Vida e Qualidade das Condições para Viver são indissociáveis, porém distinguíveis, torna-se possível derivar um Indicador da Qualidade das Condições para Viver (IQCV) e um Indicador da Qualidade de Vida (IQV). O primeiro resultaria mais da objetividade da visão e o segundo mais da subjetividade da percepção. Mas se “objetividade absoluta não existe” e a “subjetividade não é plena”, provavelmente não haja essa distinção inexorável entre visão objetiva e percepção subjetiva. Portanto, não existe uma visão puramente objetiva, tão pouco uma exclusiva percepção subjetiva. O que existe de fato é uma (inter)relação absoluta entre ambas.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMATUZZI, Mauro Martins. *A subjetividade e sua pesquisa*. Memorandum 10, pg. 93-97, 2006, Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto: USP.

Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a10/amatuzzi03.pdf>

Acesso em: 25 de abril de 2008

BALLONE, GJ - *Percepção e Realidade-Cognição*. in. PsiqWeb, Internet, revisto em 2005.

Disponível em <http://virtualpsy.locaweb.com.br/?art=257&sec=47>,

Acesso em: 22 de abril de 2008

BLOIS FILHO, Hugo Gomes; RIGON, Anelise Pigatto; TABARELLI, Giceli. *A Percepção Urbana na Ótica Infantil*. Núcleo Disciplinar de Desenvolvimento Regional (Rural e Urbano), Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em:

<http://www.cori.unicamp.br/jornadas/completos/UFSM/A%20PERCEPCAO%20URBANA%20NA%20OTICA%20INFANTIL.doc>

Acesso em: 25 de abril de 2008.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes T. *PSICOLOGIAS: uma introdução ao estudo da psicologia*. 13 ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

CAMPOS, Shirley de. *Qualidade de vida: Conceitos de Qualidade de Vida*. Site Medicina Avançada, 05/10/2007.

Disponível em: <http://www.drashirleydecampos.com.br/noticias/21886>

Acesso em: 23 de abril de 2008

CARMO, Débora Freitas do; MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra; MARÓN, José Ramon Lamadrid; FREITAS, Mário Jorge Cardoso Coelho. *Nascente do Córrego Suçuapara – Um Espaço Para A Educação Escolar. Etd – Educação Temática Digital*, v.8, n.2, p. 90-110, jun. 2007.

Disponível em: [143.106.58.55/revista/include/getdoc.php?id=959&article=385&mode=pdf](http://143.106.58.55/revista/include/getdoc.php?id=959&article=385&mode=pdf) -

Acesso em: 9 de maio de 2008.

CARVALHO, Victa de. *Corpo e Subjetividade nas Artes Tecnológicas*. XII Encuentro Latinoamericano de Facultades de Comunicación Social. FELAFACS-Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá, 2006.

Disponível em: <http://www.javeriana.edu.co/felafacs2006/mesa5/documents/victacarvalho.pdf>

Acesso em: 22 de abril de 2008

COSTA, Gelda Gonçalves. Projeto: Melhoria da Qualidade de Vida: Convivência, Cidadania, Saúde e Lazer. Serviço Público Federal, Ministério da Educação, Escola Agrotécnica Federal de Uberlândia, 2006. Disponível em:

<http://www.eafudi.gov.br/catch.php?catchfile=/modules/fred/files/files/fred//Down/RH/projqualidade.doc>

Acesso em: 25 de abril de 2008

D'Agostini, Luiz Renato & Fantini, Alfredo Celso. *Quality of Life and Quality of Living Conditions in Rural Areas: Distinctively Perceived and Quantitatively Distinguished*. Social Indicators Research, 6 de março de 2008.

Disponível em: <http://www.springerlink.com/content/33m7qn56406gw840/fulltext.pdf>

Acesso em: 15 de março de 2008.

EMOÇÃO: Subjetividade, Objetividade, Razão e Ética. [s.d.]

Disponível em: <http://hpp.ajato.com.br/arbruno/Emocao.htm>

Acesso em: 22 de abril de 2008

KLUTHCOVSKY, Ana Cláudia Garabeli Cavalli & TAKAYANAGUI, Angela Maria Magosso. *Qualidade de Vida - Aspectos Conceituais*. Revista Salus-Guarapuava-PR. jan./jun. 2007; 1(1): 13-15.

LIMA, Jane Kelly Marinho. *Avaliação do desempenho ambiental no uso da água: identificando instrumentos de gestão dos recursos hídricos na bacia do ribeirão São João*. Monografia (TCC) - Universidade Federal do Tocantins, Curso de Engenharia Ambiental, 2007. Palmas, 2007. 61p.

MOLON, Susana Inês. Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky. III Conferência de Pesquisa Sócio-cultural, Campinas, São Paulo, Brasil, 16 a 20 de julho de 2000.

OZÓRIO, Lídia Lopes. *Objetividade Jornalística: Eis a Questão!*

Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno07-13.html>

Acesso em: 12 de abril de 2008

PIERUCCINI, Mariângela et al. *Qualidade de vida no meio rural: Projeto de extensão universitária nos reassentamentos da CRABI – região Oeste do Paraná*. XX Seminário de Extensão Universitária da Região Sul – Seurs, Universidade Federal de Pelotas - RS, de 18 a 21 de agosto de 2002.

PORTELLA, Cristiano R. R. *Ciência e Revolução Científica: Objetividade científica com os homens, pelos homens e apesar dos homens*.

Disponível em: <http://bsi.cneccapivari.br/?q=node/38>

Acesso em: 22 de abril de 2008

SPONHOLZ, Liriam. *Objetividade e a teoria do conhecimento*. Observatório da Imprensa nº 248, 28 de outubro de 2003. Disponível em: <http://br.geocities.com/mcrost11/oi081.htm>

Acesso em: 10 de abril de 2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. Gerência de Qualidade de Vida.

Disponível em: <http://www.proreh.ufu.br/index.php?id=42>

Acesso em: 22 de abril de 2008

WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. *Objetividade*

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Objetividade>

Acesso em: 10 de abril de 2008

## **ANEXO**

**ANEXO A – Modelo de casa construída pela Investco para as famílias reassentadas**



**ANEXO B – Centro comunitário, Agroindústria e Casa do Mel**





**ANEXO C – Viveiro de mudas**



**ANEXO D – Aviário financiado pelo PIPA**



**ANEXO E – Tabela 1. Planilha de médias de notas dos técnicos referente ao critério social**

<b>INDICADOR DA QUALIDADE DAS CONDIÇÕES PARA SE VIVER</b>																					
<b>INDICADOR DAS CONDIÇÕES SOCIAIS</b>																					
<b>1. Critério: Social</b>																					
<b>Aspecto</b>	<b>TÉCNICO 1 (PATRÍCIA)</b>				<b>TÉCNICO 2 (JANE)</b>				<b>TÉCNICO 3 (ANDREA)</b>				<b>TÉCNICO 4 (JULIANA)</b>				<b>TÉCNICO 5 (FRED)</b>				<b>MG</b>
	<b>A</b>	<b>J</b>	<b>P</b>	<b>Md</b>	<b>A</b>	<b>J</b>	<b>P</b>	<b>Md</b>	<b>A</b>	<b>J</b>	<b>P</b>	<b>Md</b>	<b>A</b>	<b>J</b>	<b>P</b>	<b>Md</b>	<b>A</b>	<b>J</b>	<b>P</b>	<b>Md</b>	
<b>1.1</b>	2	3	1	2,0	1	2	1	1,3	1	2	1	1,3	2	2	1	1,7	4	4	1	3,0	1,9
<b>1.2</b>	3	2	2	2,3	3	4	2	3,0	2	2	2	2,0	1	1	1	1,0	6	6	4	5,3	2,7
<b>1.3</b>	6	5	3	4,7	5	5	3	4,3	10	9	10	9,7	10	9	10	9,7	7	7	8	7,3	7,1
<b>1.4</b>	6	3	5	4,7	8	8	7	7,7	4	3	4	3,7	3	3	2	2,7	9	9	8	8,7	5,5
<b>1.5</b>	9	7	9	8,3	7	7	7	7,0	9	8	9	8,7	2	5	2	3,0	6	5	4	5,0	6,4
<b>1.6</b>	5	7	7	6,3	4	7	7	6,0	3	4	4	3,7	5	4	4	4,3	6	6	5	5,7	5,2
<b>1.7</b>	6	5	4	5,0	3	6	4	4,3	2	4	4	3,3	7	8	8	7,7	7	7	7	7,0	5,5
<b>1.8</b>	3	3	4	3,3	1	4	3	2,7	2	3	3	2,7	5	5	5	5,0	7	8	8	7,7	4,3
<b>1.9</b>	4	3	2	3,0	1	2	1	1,3	4	5	3	4,0	1	1	1	1,0	6	6	4	5,3	2,9
<b>1.10</b>	4	7	7	6,0	7	5	7	6,3	7	7	7	7,0	4	4	4	4,0	10	9	10	9,7	6,6
<b>1.11</b>	6	6	5	5,7	4	4	4	4,0	6	7	7	6,7	2	2	1	1,7	8	7	8	7,7	5,1
<b>1.12</b>	7	4	7	6,0	4	3	4	3,7	7	7	7	7,0	3	2	2	2,3	7	8	7	7,3	5,3
<b>1.13</b>	8	10	9	9,0	8	9	9	8,7	10	10	10	10,0	6	6	6	6,0	9	8	8	8,3	8,4
<b>1.14</b>	9	10	9	9,3	7	9	9	8,3	10	9	10	9,7	10	10	10	10,0	10	9	10	9,7	9,4
<b>1.15</b>	7	8	7	7,3	9	9	7	8,3	9	9	8	8,7	8	9	8	8,3	10	9	8	9,0	8,3

A= Andrea; J=Jane; P=Patrícia; Md= Média; MG= Média Geral

**ANEXO F – Tabela 2. Planilha de médias de notas dos técnicos referente ao critério econômico**

<b>INDICADOR DA QUALIDADE DAS CONDIÇÕES PARA SE VIVER</b>																					
<b>INDICADOR DAS CONDIÇÕES ECONÔMICAS</b>																					
<b>2. Critério: Econômico</b>																					
<b>Aspecto</b>	<b>TÉCNICO 1 (PATRÍCIA)</b>				<b>TÉCNICO 2 (JANE)</b>				<b>TÉCNICO 3 (ANDREA)</b>				<b>TÉCNICO 4 (JULIANA)</b>				<b>TÉCNICO 5 (FRED)</b>				<b>MG</b>
	<b>A</b>	<b>J</b>	<b>P</b>	<b>Md</b>	<b>A</b>	<b>J</b>	<b>P</b>	<b>Md</b>	<b>A</b>	<b>J</b>	<b>P</b>	<b>Md</b>	<b>A</b>	<b>J</b>	<b>P</b>	<b>Md</b>	<b>A</b>	<b>J</b>	<b>P</b>	<b>Md</b>	
<b>2.1</b>	5	7	7	6,0	3	6	4	4,3	4	5	3	4,0	3	6	2	3,7	8	9	8	8,3	5,3
<b>2.2</b>	7	8	8	7,5	7	7	7	7,0	8	8	8	8,0	4	5	7	5,3	9	9	8	8,7	7,3
<b>2.3</b>	4	5	6	4,5	4	5	4	4,3	3	4	3	3,3	2	4	1	2,3	8	9	8	8,3	4,6
<b>2.4</b>	9	9	10	9,0	9	9	9	9,0	9	8	9	8,7	8	7	8	7,7	10	10	10	10,0	8,9
<b>2.5</b>	8	8	8	8,0	9	9	8	8,7	10	9	10	9,7	6	6	5	5,7	9	9	9	9,0	8,2
<b>2.6</b>	9	9	9	9,0	10	9	9	9,3	10	9	10	9,7	10	10	10	10,0	8	10	10	9,3	9,5
<b>2.7</b>	7	8	8	7,5	9	8	7	8,0	10	9	8	9,0	7	6	7	6,7	9	9	8	8,7	8,0
<b>2.8</b>	5	6	7	5,5	7	7	7	7,0	5	7	7	6,3	8	8	8	8,0	8	8	7	7,7	6,9
<b>2.9</b>	3	5	4	4,0	4	5	4	4,3	2	4	2	2,7	8	9	7	8,0	7	9	8	8,0	5,4
<b>2.10</b>	5	5	5	5,0	6	5	5	5,3	4	5	3	4,0	9	9	10	9,3	8	9	8	8,3	6,4
<b>2.11</b>	8	7	9	7,5	9	9	10	9,3	9	8	8	8,3	9	10	10	9,7	8	8	8	8,0	8,6
<b>2.12</b>	9	9	9	9,0	8	7	8	7,7	10	8	9	9,0	10	9	10	9,7	10	8	9	9,0	8,9
<b>2.13</b>	7	7	7	7,0	5	5	7	5,7	4	6	5	5,0	5	6	5	5,3	8	8	8	8,0	6,2
<b>2.14</b>	8	9	8	8,5	9	9	10	9,3	8	9	8	8,3	9	10	10	9,7	10	10	10	10,0	9,2
<b>2.15</b>	7	6	7	6,5	8	8	7	7,7	8	8	8	8,0	7	8	7	7,3	9	7	9	8,3	7,6

A= Andrea; J=Jane; P=Patrícia; Md= Média; MG= Média Geral

**ANEXO G – Tabela 3. Planilha de médias de notas dos técnicos referente ao critério ambiental**

<b>INDICADOR DA QUALIDADE DAS CONDIÇÕES PARA SE VIVER</b>																					
<b>INDICADOR DAS CONDIÇÕES AMBIENTAIS</b>																					
<b>3. Critério: Ambiental</b>																					
<b>Aspecto</b>	<b>TÉCNICO 1 (PATRÍCIA)</b>				<b>TÉCNICO 2 (JANE)</b>				<b>TÉCNICO 3 (ANDREA)</b>				<b>TÉCNICO 4 (JULIANA)</b>				<b>TÉCNICO 5 (FRED)</b>				<b>MG</b>
	<b>A</b>	<b>J</b>	<b>P</b>	<b>Md</b>	<b>A</b>	<b>J</b>	<b>P</b>	<b>Md</b>	<b>A</b>	<b>J</b>	<b>P</b>	<b>Md</b>	<b>A</b>	<b>J</b>	<b>P</b>	<b>Md</b>	<b>A</b>	<b>J</b>	<b>P</b>	<b>Md</b>	
<b>3.1</b>	8	9	8	8,3	7	8	8	7,7	9	8	8	8,3	8	7	5	7,6	8	7	9	8,0	8,0
<b>3.2</b>	9	8	8	8,3	8	8	8	8,0	9	9	8	8,7	9	8	8	8,5	10	9	10	9,7	8,6
<b>3.3</b>	7	7	7	7,0	7	7	7	7,0	8	8	7	7,7	4	5	2	6,0	9	9	9	9,0	7,3
<b>3.4</b>	7	8	7	7,3	8	7	8	7,7	9	9	9	9,0	9	8	8	8,3	8	9	9	8,7	8,2
<b>3.5</b>	4	7	8	6,3	2	6	4	4,0	7	8	7	7,3	8	8	8	8,0	9	9	8	8,7	6,9
<b>3.6</b>	8	8	8	8,0	8	9	7	8,0	8	8	7	7,7	4	5	5	4,7	9	10	10	9,7	7,6
<b>3.7</b>	4	7	7	6,0	5	6	4	5,0	4	6	4	4,7	3	4	4	3,7	7	6	7	6,7	5,2
<b>3.8</b>	4	6	3	4,3	3	6	3	4,0	4	5	4	4,3	6	3	2	3,7	7	8	7	7,3	4,7
<b>3.9</b>	3	4	2	3,0	2	6	3	3,7	3	4	2	3,0	4	2	1	2,3	7	7	7	7,0	3,8
<b>3.10</b>	6	6	7	6,3	7	7	7	7,0	8	7	7	7,3	5	6	5	5,3	8	8	8	8,0	6,8
<b>3.11</b>	3	3	1	2,3	1	2	1	1,3	1	1	1	1,0	2	1	1	1,3	3	1	1	1,7	1,5
<b>3.12</b>	9	8	9	8,7	9	6	9	8,0	9	8	8	8,3	7	6	6	6,3	8	5	3	5,3	7,3
<b>3.13</b>	8	8	8	8,0	6	6	7	6,3	7	7	7	7,0	7	7	8	7,3	8	8	8	8,0	7,3
<b>3.14</b>	9	8	9	8,7	7	7	8	7,3	7	8	9	8,0	7	5	6	6,0	9	8	9	8,7	7,7
<b>3.15</b>	4	7	6	5,7	5	6	5	5,3	2	5	3	3,3	4	5	3	4,0	7	8	8	7,7	5,2

A= Andrea; J=Jane; P=Patrícia; Md= Média; MG= Média Geral



**ANEXO H – Tabela 4. Planilha de médias de notas das famílias referente ao critério social**

INDICADOR DA QUALIDADE DE VIDA																																					
INDICADOR DA SATISFAÇÃO SOCIAL																																					
1. Critério: Social																																					
Indag.	Fam. 1				Fam.2				Fam.3				Fam.4				Fam. 5				Fam.6				Fam.7				Fam.8				Fam.9				MG
	A	J	P	Md	A	J	P	Md	A	J	P	Md	A	J	P	Md	A	J	P	Md	A	J	P	Md	A	J	P	Md	A	J	P	Md	A	J	P	Md	
1.1	1	1	1	1,0	8	10	10	9,3	9	8	4	7,0	3	4	1	2,7	8	9	10	9,0	7	7	9	7,7	8	6	9	7,7	6	9	7	7,3	1	1	1	1,0	5,9
1.2	3	1	3	2,3	9	10	10	9,7	9	10	8	9,0	2	5	4	3,7	7	7	7	7,0	7	9	8	8,0	9	8	9	8,7	7	7	8	7,3	1	1	1	1,0	6,3
1.3	8	7	6	7,0	9	10	10	9,7	9	9	8	8,7	9	10	8	9,0	9	10	10	9,7	6	9	7	7,3	5	8	7	6,7	8	9	9	8,7	6	3	7	5,3	8,0
1.4	9	8	7	8,0	8	9	7	8,0	9	9	9	9,0	9	9	7	8,3	4	6	4	4,7	4	8	2	4,7	8	9	5	7,3	6	8	8	7,3	8	8	8	8,0	7,3
1.5	8	6	5	6,3	9	9	9	9,0	8	8	7	7,7	8	9	8	8,3	8	6	7	7,0	8	7	8	7,7	9	8	8	8,3	8	8	8	8,0	8	7	7	7,3	7,7
1.6	6	7	7	6,7	6	7	6	6,3	10	9	8	9,0	7	7	7	7,0	9	8	8	8,3	9	8	9	8,7	9	9	9	9,0	4	7	4	5,0	5	5	7	5,7	7,3
1.7	4	4	3	3,7	8	10	7	8,3	4	4	3	3,7	3	4	4	3,7	4	6	5	5,0	6	8	8	7,3	4	4	7	5,0	2	4	4	3,3	2	3	2	2,3	4,7
1.8	3	4	5	4,0	8	9	7	8,0	4	2	2	2,7	2	3	3	2,7	3	4	3	3,3	5	5	4	4,7	3	2	4	3,0	3	7	4	4,7	1	2	1	1,3	3,8
1.9	2	1	1	1,3	4	2	1	2,3	2	1	1	1,3	3	1	1	1,7	2	2	1	1,7	4	2	1	2,3	3	1	1	1,7	2	1	1	1,3	1	1	1	1,0	1,6
1.10	4	3	3	3,3	9	8	8	8,3	3	3	3	3,0	7	8	8	7,7	7	8	7	7,3	9	9	7	8,3	9	9	7	8,3	9	8	8	8,3	8	9	9	8,7	7,0
1.11	7	7	7	7,0	6	7	6	6,3	4	6	4	4,7	4	3	3	3,3	7	5	7	6,3	6	6	4	5,3	7	8	4	6,3	4	4	4	4,0	2	3	3	2,7	5,1
1.12	4	4	4	4,0	3	3	3	3,0	3	1	3	2,3	3	1	2	2,0	2	1	1	1,3	2	2	4	2,7	4	2	4	3,3	5	3	4	4,0	1	2	1	1,3	2,7
1.13	9	7	7	7,7	9	6	7	7,3	10	9	8	9,0	9	6	7	7,3	9	10	10	9,7	10	8	8	8,7	10	10	9	9,7	9	9	7	8,3	6	7	3	5,3	8,1
1.14	8	7	8	7,7	10	9	10	9,7	9	8	7	8,0	9	6	7	7,3	10	10	10	10,0	9	6	7	7,3	10	7	8	8,3	8	7	8	7,7	3	5	4	4,0	7,8
1.15	10	8	10	9,3	8	7	8	7,7	10	10	8	9,3	10	7	8	8,33	10	8	7	8,3	10	10	10	10,0	10	9	10	9,7	8	9	8	8,3	6	6	4	5,3	8,5

Indag.=Indagação; Fam.= Família; A= Andrea; J=Jane; P=Patrícia; Md= Média; MG= Média Geral

**ANEXO I – Tabela 5. Planilha de médias de notas das famílias referente ao critério econômico**

<b>INDICADOR DA QUALIDADE DE VIDA</b>																																					
<b>INDICADOR DA SATISFAÇÃO ECONÔMICA</b>																																					
<b>2. Critério: Econômico</b>																																					
<b>Indag.</b>	<b>Fam. 1</b>				<b>Fam.2</b>				<b>Fam.3</b>				<b>Fam.4</b>				<b>Fam. 5</b>				<b>Fam.6</b>				<b>Fam.7</b>				<b>Fam.8</b>				<b>Fam.9</b>				<b>MG</b>
	<b>A</b>	<b>J</b>	<b>P</b>	<b>Md</b>	<b>A</b>	<b>J</b>	<b>P</b>	<b>Md</b>	<b>A</b>	<b>J</b>	<b>P</b>	<b>Md</b>	<b>A</b>	<b>J</b>	<b>P</b>	<b>Md</b>	<b>A</b>	<b>J</b>	<b>P</b>	<b>Md</b>	<b>A</b>	<b>J</b>	<b>P</b>	<b>Md</b>	<b>A</b>	<b>J</b>	<b>P</b>	<b>Md</b>	<b>A</b>	<b>J</b>	<b>P</b>	<b>Md</b>	<b>A</b>	<b>J</b>	<b>P</b>	<b>Md</b>	
<b>2.1</b>	4	2	1	2,3	7	8	7	7,3	3	4	3	3,3	10	9	8	9,0	8	9	8	8,3	7	9	8	8,0	8	9	9	8,7	4	2	3	3,0	8	9	9	8,7	6,5
<b>2.2</b>	7	4	7	6,0	10	10	9	9,7	8	9	7	8,0	7	7	7	7,0	4	4	4	4,0	7	8	4	6,3	4	4	3	3,7	9	8	7	8,0	7	7	7	7,0	6,6
<b>2.3</b>	7	4	7	6,0	9	10	10	9,7	7	10	7	8,0	9	9	9	9,0	7	6	7	6,7	4	8	7	6,3	1	1	1	1,0	7	6	7	6,7	4	6	7	5,7	6,6
<b>2.4</b>	6	5	5	5,3	10	10	9	9,7	10	10	10	10,0	8	8	8	8,0	9	9	9	9,0	9	9	10	9,3	9	9	9	9,0	10	9	8	9,0	10	9	9	9,3	8,7
<b>2.5</b>	9	8	8	8,3	10	10	7	9,0	8	7	7	7,3	8	9	7	8,0	10	7	4	7,0	8	8	8	8,0	7	9	8	8,0	9	8	8	8,3	3	7	4	4,7	7,6
<b>2.6</b>	7	6	8	7,0	9	5	8	7,3	7	5	4	5,3	7	6	7	6,7	8	8	8	8,0	8	6	8	7,3	8	8	8	8,0	7	6	7	6,7	7	7	7	7,0	7,0
<b>2.7</b>	9	8	9	8,7	8	7	7	7,3	10	7	8	8,3	9	8	7	8,0	9	8	9	8,7	5	5	4	4,7	7	6	4	5,7	5	3	4	4,0	4	4	4	4,0	6,6
<b>2.8</b>	8	7	9	8,0	7	4	8	6,3	6	4	3	4,3	7	5	3	5,0	7	6	4	5,7	6	6	1	4,3	4	4	1	3,0	6	4	2	4,0	6	5	4	5,0	5,1
<b>2.9</b>	7	9	8	8,0	8	9	6	7,7	8	10	10	9,3	9	10	10	9,7	7	7	8	7,3	7	7	10	8,0	8	9	10	9,0	8	9	7	8,0	8	9	9	8,7	8,4
<b>2.10</b>	10	9	10	9,7	10	10	10	10,0	10	10	10	10,0	10	10	10	10,0	8	9	9	8,7	8	8	10	8,7	9	10	9	9,3	10	9	10	9,7	7	9	8	8,0	9,3
<b>2.11</b>	10	9	9	9,3	10	10	10	10,0	10	10	10	10,0	10	10	10	10,0	7	10	9	8,7	10	9	10	9,7	9	10	10	9,7	8	10	10	9,3	8	10	9	9,0	9,5
<b>2.12</b>	8	7	8	7,7	7	5	4	5,3	6	5	7	6,0	8	6	8	7,3	4	5	4	4,3	4	5	4	4,3	6	4	3	4,3	5	3	4	4,0	7	6	7	6,7	5,6
<b>2.13</b>	5	3	2	3,3	10	9	10	9,7	4	2	2	2,7	9	8	8	8,3	4	3	3	3,3	7	7	4	6,0	2	4	2	2,7	7	7	5	6,3	3	2	2	2,3	5,0
<b>2.14</b>	1	1	1	1,0	10	9	10	9,7	9	8	7	8,0	2	1	1	1,3	10	9	10	9,7	7	5	8	6,7	8	6	9	7,7	10	10	10	10,0	1	1	1	1,0	6,1
<b>2.15</b>	3	3	3	3,0	10	10	10	10,0	4	7	4	5,0	8	8	8	8	8	9	10	9,0	4	4	4	4,0	7	6	7	6,7	4	7	4	5,0	3	4	4	3,7	6,0

Indag.=Indagação; Fam.= Família; A= Andrea; J=Jane; P=Patrícia; Md= Média; MG= Média Geral

**ANEXO J – Tabela 6. Planilha de médias de notas das famílias referente ao critério ambiental**

<b>INDICADOR DA QUALIDADE DE VIDA</b>																																					
<b>INDICADOR DA SATISFAÇÃO AMBIENTAL</b>																																					
<b>3. Critério: Ambiental</b>																																					
<b>Indag.</b>	<b>Fam. 1</b>				<b>Fam.2</b>				<b>Fam.3</b>				<b>Fam.4</b>				<b>Fam. 5</b>				<b>Fam.6</b>				<b>Fam.7</b>				<b>Fam.8</b>				<b>Fam.9</b>				<b>MG</b>
	<b>A</b>	<b>J</b>	<b>P</b>	<b>Md</b>	<b>A</b>	<b>J</b>	<b>P</b>	<b>Md</b>	<b>A</b>	<b>J</b>	<b>P</b>	<b>Md</b>	<b>A</b>	<b>J</b>	<b>P</b>	<b>Md</b>	<b>A</b>	<b>J</b>	<b>P</b>	<b>Md</b>	<b>A</b>	<b>J</b>	<b>P</b>	<b>Md</b>	<b>A</b>	<b>J</b>	<b>P</b>	<b>Md</b>	<b>A</b>	<b>J</b>	<b>P</b>	<b>Md</b>	<b>A</b>	<b>J</b>	<b>P</b>	<b>Md</b>	
<b>3.1</b>	9	9	9	9,0	10	10	10	10,0	8	7	4	6,3	6	3	4	4,3	10	10	10	10,0	8	8	5	7,0	10	6	4	6,7	7	9	5	7,0	4	3	3	3,3	7,1
<b>3.2</b>	3	4	3	3,3	7	7	7	7,0	4	2	3	3,0	6	4	4	4,7	8	8	8	8,0	4	3	4	3,7	6	5	5	5,3	6	4	4	4,7	5	6	4	5,0	5,0
<b>3.3</b>	6	7	7	6,7	8	9	7	8,0	7	7	7	7,0	8	6	8	7,3	8	9	7	8,0	7	5	4	5,3	7	4	4	5,0	5	6	4	5,0	6	7	7	6,7	6,6
<b>3.4</b>	8	9	8	8,3	10	10	10	10,0	10	10	10	10,0	10	9	10	9,7	10	10	10	10,0	10	10	10	10,0	9	10	10	9,7	9	10	10	9,7	7	6	7	6,7	9,3
<b>3.5</b>	10	9	9	9,3	10	10	10	10,0	7	4	7	6,0	7	6	8	7,0	8	8	7	7,7	5	5	7	5,7	6	4	7	5,7	7	8	7	7,3	9	10	9	9,3	7,6
<b>3.6</b>	8	7	6	7,0	8	6	7	7,0	9	7	4	6,7	4	4	4	4,0	9	9	10	9,3	3	3	4	3,3	2	3	4	3,0	8	9	9	8,7	10	10	10	10,0	6,6
<b>3.7</b>	3	4	3	3,3	3	6	4	4,3	2	8	7	5,7	3	5	4	4,0	7	7	7	7,0	2	4	3	3,0	2	4	3	3,0	2	6	2	3,3	8	9	8	8,3	4,7
<b>3.8</b>	4	5	5	4,7	8	9	8	8,3	8	7	8	7,7	9	5	8	7,3	9	9	8	8,7	7	9	9	8,3	8	9	9	8,7	7	7	7	7,0	2	4	3	3,0	7,1
<b>3.9</b>	4	2	2	2,7	3	3	2	2,7	3	1	3	2,3	4	4	3	3,7	9	9	10	9,3	7	7	8	7,3	6	9	8	7,7	3	4	3	3,3	1	2	2	1,7	4,5
<b>3.10</b>	6	4	6	5,3	8	8	9	8,3	9	8	10	9,0	9	8	10	9,0	8	9	9	8,7	9	9	7	8,3	10	8	7	8,3	6	9	7	7,3	4	4	2	3,3	7,5
<b>3.11</b>	1	1	1	1,0	8	7	9	8,0	2	2	2	2,0	2	4	1	2,3	8	8	10	8,7	4	5	2	3,7	3	4	2	3,0	3	4	1	2,7	2	7	1	3,3	3,9
<b>3.12</b>	9	8	9	8,7	8	6	7	7,0	9	7	7	7,7	7	6	4	5,7	8	8	8	8,0	8	7	7	7,3	9	6	7	7,3	8	8	7	7,7	5	3	5	4,3	7,1
<b>3.13</b>	10	7	8	8,3	10	10	10	10,0	10	10	10	10,0	1	2	1	1,3	10	10	10	10,0	5	6	3	4,7	1	2	1	1,3	10	10	10	10,0	10	9	10	9,7	7,3
<b>3.14</b>	10	9	10	9,7	9	5	8	7,3	9	9	8	8,7	7	5	7	6,3	9	9	9	9,0	8	8	9	8,3	9	9	9	9,0	9	9	9	9,0	8	9	8	8,3	8,4
<b>3.15</b>	10	7	7	8,0	8	8	8	8,0	10	9	9	9,3	8	9	9	8,67	7	7	7	7,0	8	7	10	8,3	9	8	9	8,7	7	7	8	7,3	7	9	7	7,7	8,1

Indag.=Indagação; Fam.= Família; A= Andrea; J=Jane; P=Patrícia; Md= Média; MG= Média Geral